

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS

CAROLINE APPEL MULLER
INDIANARA MAFRA DE LIMA

**ANTOINE DE SAINT EXUPERY: UMA ANÁLISE DAS ESCOLHAS
SIMBÓLICAS NA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2017

CAROLINE APPEL MULLER
INDIANARA MAFRA DE LIMA

**ANTOINE DE SAINT EXUPERY: UMA ANÁLISE DAS ESCOLHAS SIMBÓLICAS
NA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE***

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português – Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco, como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC II.

Orientadora: Prof^a. Ma. Márcia Oberderfer Consoli

PATO BRANCO
2017



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Caroline Appel Muller e Indianara Mafra de Lima.**

Título: **Antoine de Saint Exupery: uma análise das escolhas simbólicas na obra *O Pequeno Príncipe*.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 22 / 06 / 17, pela comissão julgadora:

Prof.^a Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Me. Ederson Henrique de Souza Machado – UTFPR Pato Branco
Coorientador e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
SIAPE N.º 1169334
Coordenadora do Curso de Licenciatura em
Letras Português - Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.^a Ma. Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso.

Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
do Curso Superior de Letras
de Português e Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

(SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.90)

RESUMO

MULLER, Caroline Appel. LIMA, Indianara Mafra de. Antoine de Saint-Exupéry: uma análise das escolhas simbólicas na obra *O Pequeno Príncipe*. 2017. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras- Português-Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Pato Branco - PR.

Este trabalho é resultado de um estudo sobre como a vida de Antoine de Saint-Exupéry influenciou nas escolhas simbólicas dentro da obra *O Pequeno Príncipe*, tendo em vista o contexto histórico em que a mesma foi criada. Objetiva-se compreender a relação entre a experiência de vida do autor e suas personagens representativas verificando-se assim as suas significações. A obra *O Pequeno Príncipe* foi publicada em 1943, sendo que teve e ainda tem repercussão mundial por ser o terceiro livro mais vendido na história dos clássicos. Conhecida por ser uma obra da Literatura Infantil, seu vasto conteúdo e sua riqueza de “lições morais” acaba por torná-la uma leitura direcionada também para adultos. Antoine impressiona seus leitores com sua obra que fala de temas como amor, esperança, gratidão, dentre outros, mesmo tendo sido escrita em um período turbulento de sua vida, quando foi exilado nos Estados Unidos no período da Segunda Guerra Mundial. A análise constituiu-se através de estudo bibliográfico, mediante coleta de dados em livros e artigos. E é através da contextualização da obra *O Pequeno Príncipe*, descrevendo a relação autor e obra, identificando os elementos simbólicos utilizados pelo autor, através de um resumo do que é semiótica, que se chega à uma conclusão sobre as imagens simbólicas as personagens Pequeno Príncipe, a Rosa e os Vulcões. Dessa forma foi possível concluir que a vida e as experiências do autor, com certeza, fazem parte e influenciaram as representações imagéticas da obra citada.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Semiótica. *O Pequeno Príncipe*.

ABSTRACT

MULLER, Caroline Appel. LIMA, Indianara Mafra de. Antoine de Saint-Exupéry: uma análise das escolhas simbólicas na obra *O Pequeno Príncipe*. 2017. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras- Português-Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Pato Branco - PR.

This work is the result of a study on how a life of Antoine de Saint-Exupéry influenced the symbolic choices within the work *The Little Prince*, in view of the historical context in which it was created. A relationship between a life experience of the author and his representative characters is verified, thus verifying their significations. The work *The Little Prince* was published in 1943, and had and still has worldwide repercussion for being the third best selling book in the history of the classics. Known for being a work of children's literature, its vast content and richness of "moral lessons" turns out to be a reading directed also for adults. Antoine impresses his readers with his work that speaks of themes such as love, his intention, gratitude, among others, even though it was written in a turbulent period of his life, when he was exiled in the United States in the period of World War II. An analysis constituted through the bibliographic study, through the collection of data in books and articles. And it is through the contextualization of the work *The Little Prince*, describing a relation author and work, identifying the symbolic elements through the author, through a summary of what is semiotic, that comes to a conclusion on how symbolic images as characters Little Prince, The Rose and the Volcanoes. In this way it was possible to conclude that life and as experiences of the author, certainly, is part and influenced as imagistic representations of the work cited.

Keywords: Children's Literature. Semiotic. *The Little Prince*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - CARTÃO POSTAL COM FOTO DE 1912, AUTOGRAFADO POR SAINT-EXUPÉRY	30
FIGURA 2 - ÁLBUM CRIADO PELOS IRMÃOS EXUPÉRY, 1991.....	31
FIGURA 3 - ANTOINE, EM 1921, COM UNIFORME DO BATALHÃO DA FORÇA AÉREA DE ESTRABURGO.....	32
FIGURA 4 - MOMENTO EM QUE A RAPOSA É CATIVADA PELO PEQUENO PRÍNCIPE ...	33
FIGURA 5 – SAINT-EXUPÉRY VOLTANDO APÓS SALVAR COLEGAS DAS MÃOS DOS MOUROS	34
FIGURA 6 - EXUPÉRY PARTINDO PARA O VOO DESAFIANTE.....	35
FIGURA 7 - ANTOINE NO DESERTO APÓS A QUEDA DO AVIÃO	36
FIGURA 8 - IMAGEM DO PEQUENO PRÍNCIPE	37
FIGURA 9 - ENCONTRO DA ROSA COM O PEQUENO PRÍNCIPE.....	39
FIGURA 10 - A ROSA DA OBRA <i>O PEQUENO PRÍNCIPE</i>	41
FIGURA 11 - O PEQUENO PRÍNCIPE DESENHADO PELO NARRADOR DA HISTÓRIA..	45
FIGURA 12 - O PEQUENO PRÍNCIPE EM SEU ASTEROIDE B612. ESTÁ LIMPANDO UM DE SEUS VULCÕES.....	46
FIGURA 13 - ANTOINE E SEUS COMPANHEIROS TUAREGUES EM 1927, NO SAARA .	49
FIGURA 14 - O ASTEROIDE B 612 TOMADO DE BAOBÁS.....	50
FIGURA 15 - ANTOINE VOLTANDO DE UM RESGATE DE PILOTOS NO SAARA	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: UM GAROTO EM SEU CORAÇÃO	12
2.1	ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: INSTINTO DE AVIADOR	12
2.2	OBEDECENDO ÀS “PESSOAS GRANDES”	13
2.3	ACIDENTE: PRIMEIRO DE MUITOS.....	14
2.4	FUTURO PROMISSOR	15
2.5	SURGE O ESCRITOR	16
2.6	A VIAGEM DA GLÓRIA	17
2.7	SURGE A PERSONAGEM DE CABELOS DOURADOS	18
2.7.1	A publicação da obra <i>O Pequeno Príncipe</i>	18
2.7.2	O legado de Antoine de Saint-Exupéry	20
3	DA LITERATURA À SEMIÓTICA.....	21
3.1	SEMIÓTICA	21
3.2	SIGNOS E SUAS RELAÇÕES TRIÁDICAS.....	21
3.3	TRICOTOMIAS	23
3.3.1	Segunda tricotomia: índice, ícone e símbolo.....	24
4	ANÁLISE SIMBÓLICA	27
4.1	O PEQUENO PRÍNCIPE	28
4.2	O PEQUENO PRÍNCIPE E A SUA LIGAÇÃO SIMBÓLICA COM A ROSA.....	38
4.3	A ROSA	40
4.4	OS VULCÕES	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da obra *O Pequeno Príncipe* surgiu após experiências de leitura e pela importância que a referida obra tem na sociedade. Compreende-se que tal obra possui a presença de símbolos permanentes, o que faz com que a mesma perdure por tanto tempo. A identificação desses símbolos dentro da obra com base nas experiências de vida do autor levou a propor um estudo que buscasse analisar a constituição das representações imagéticas em *O Pequeno Príncipe*, de forma a descrever seu modo de organização, construção de sentidos e as funções da linguagem presentes na obra. Visou-se compreender a relação entre as experiências de vida do autor Antoine de Saint-Exupéry e suas personagens. A partir desse objeto de estudo, propõe-se discutir como as escolhas imagéticas do autor têm ligação com as suas experiências de vida. Por meio da análise de livros e artigos, tornou-se possível descrever as relações dos fenômenos entre os signos que se manifestam em *O Pequeno Príncipe*.

Cabe lembrar que a obra tem como narrador um piloto que conta a história de como seu avião sofre uma pane e cai no Deserto do Saara e lá encontra um Pequeno Príncipe, que lhe pede desenhos de carneiro, conta suas aventuras em vários planetas e lhe transmite ensinamentos sobre a vida. Os dois criam uma amizade e trocam experiências, tornando-se assim um adulto com espírito de criança e uma criança com espírito de adulto. Constitui-se uma relação dialética da vida adulta para a infantil, onde as ideias se contrapõem e tiram-se novas ideias para se comprovar os fatos. Desta forma, tendo em vista a forte presença das expressões simbólicas na obra foi de grande importância deixar um pouco de lado a Literatura e explorar o campo da Semiótica, para deixar mais claro e com maior embasamento o foco da pesquisa, ou seja, para mostrar qual foi o caminho percorrido para que determinadas conclusões se tornassem possíveis. Sendo assim, buscou-se averiguar se as imagens e objetos que estão presentes na história *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, podem ser consideradas como símbolos. Nos moldes considerados por Pierce, que entende e afirma que “o símbolo está conectado a seu objeto por força da ideia da mente que usa o símbolo, sem a qual essa conexão não existiria” (2010, p.730).

Sendo assim, optou-se pela obra do gênero infantojuvenil, visto que sua presença na Literatura e na vida das pessoas ocorre desde os tempos mais remotos.

O início de sua produção remete a uma época em que a principal preocupação era passar hábitos e valores. É notável que esse tipo de literatura vem trazendo novas temáticas juvenis, mas também mantendo as características do fácil entendimento e do estímulo à criatividade infantil. Dentre esses novos temas que a literatura vem adotando, está a criação de conceitos em relação às mudanças na sociedade, as várias interpretações, indagações e análises, ou seja, mais recentemente as obras visam desenvolver a criticidade na criança/adolescente. Isso ocorre, porque a criança/adolescente ao ler, não o faz superficialmente, sem procurar um significado em cada palavra, mas busca se envolver na leitura, para desvendar os segredos dos símbolos que compõem a obra infantojuvenil. Portanto, talvez, seja por isso que escritores desse tipo de literatura, inclusive Antoine, tende a utilizar mais das representações imagéticas, ou seja, tudo que é adicionado ao texto ou que o substitui, para que tanto a criança/adolescente quanto o adulto, possam perceber as lições e ensinamentos que essas personagens tem a passar. Portanto, a utilização desses símbolos traz um papel importante na vida imaginária da criança/adolescente, onde revela segredos, mostra lições construtivas que ajudam no aprendizado e ensina algumas atribuições éticas. Além disso, os autores de literatura infantojuvenil, utilizam algumas representações imagéticas que acompanham o texto, também para tentar transmitir algo a mais que gostariam de falar ou um sentimento difícil de transmitir de forma escrita. Ou seja, além dos ensinamentos, é possível transmitir sentimentos através dos símbolos. Com isso, encontrou-se na obra *O Pequeno Príncipe*, os aspectos que a caracterizam como literatura infantojuvenil, porém, pode também ser considerada uma leitura para adultos.

De acordo com esses apontamentos, a pesquisa teve por base o método qualitativo o qual se referencia em pesquisas e análises bibliográficas. Foram utilizadas obras e artigos de pesquisadores e estudiosos sobre a vida de Antoine de Saint-Exupéry, que visam a forma exploratória, com a finalidade de acrescentar conhecimentos e ampliá-los. Desse modo, optou-se por distribuir da seguinte forma o estudo: na primeira seção, a apresentação do autor e do contexto histórico em que a obra foi desenvolvida. Na segunda seção, são apresentadas as definições de símbolos, enfatizando que não há somente uma designação, e sim, que cada uma tem uma forma de influência sobre o leitor. Também são apresentados teóricos como embasamento para associar tais escolhas simbólicas do autor com o seu contexto histórico e apresentados os dicionários de símbolos que garantirão maior credibilidade

nas informações em relação ao suposto significado aferido a cada representação imagética, além das concepções teóricas norteadoras que se referem à Literatura Infantojuvenil. Autores como Renée Zeller (2006), Alain Vircondelet (2008), Sheila Dryzun (2009, 20016), Juan-Eduardo Cirlot (2005), Lucia Santaella (2012, 1998, 2002), Winfried Nöth (1998); além de vários artigos de apoio nortearam o trabalho, afim de compreender-se por meio da discussão e estudos desses pressupostos teóricos, que seja possível refletir acerca do universo literário. Destaca-se especificamente a relação intrínseca entre as escolhas dos símbolos com as experiências de vida do autor e o que objetivam representar ao leitor. A terceira seção traz a análise, de modo a identificar as relações que se manifestam na escolha simbólica com as experiências de vida do autor.

2 ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: UM GAROTO EM SEU CORAÇÃO

Um piloto-herói? Um mágico encantador de platéias mouras no deserto do Saara? Um talento burlesco que interpretava Debussy rolando laranjeiras pelo teclado do piano? Escritor de livros para misses? Um trovador-aventureiro, criticado durante a Segunda Guerra Mundial, tanto pelo regime de Vichy, quanto por de Gaulle? Um sedutor, um inventor, um humanista? Um poeta que embalou docemente um planeta? (DRYZUN, 2009, p. 13)

Nesta seção é apresentada uma breve reflexão sobre a vida e as experiências do autor da obra *O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry. Essa pequena reflexão nos leva a entender e deixa mais clara a intenção já objetivada anteriormente que é a de analisar as escolhas simbólicas dentro da obra e qual a influência que a vida do autor teve para tais escolhas, através de uma sequência de fatos e acontecimentos que formaram a história de Antoine. Os fatos que serão relatados nesta seção foram retirados dos livros *Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe – A história de uma história* da autora Sheila Dryzun e alguns fragmentos extras da mesma autora, presentes na obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry.¹

2.1 ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY: INSTINTO DE AVIADOR

Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry nasceu em 29 de junho de 1900, na cidade de Lyon, no sul da França, onde passou pouca parte de sua infância, pois seu pai Visconde Jean de Saint-Exupéry acabou falecendo quando Antoine tinha apenas 4 anos, o que levou a sua mãe, Dona Marie, a mudar-se com seus cinco filhos para o leste da França, em um castelo cercado de jardim, onde juntou o incentivo de sua mãe em cultivar a arte e seu instinto natural pelas coisas simples da vida, para assim, sonhar alto. Em um jardim florido e com muitas coisas a serem exploradas, Antoine deixa florescer naturalmente sua curiosidade, e passa a se aventurar pelas maravilhas da vizinhança chegando até o aeródromo de Ambérieu, que é pertinho do castelo onde morava, passava horas observando as grandes máquinas voadoras no céu. (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY)

¹ Optou-se por utilizar apenas uma autora sobre a biografia da vida de Antoine de Saint-Exupéry por ser especialista na obra *O Pequeno Príncipe* e da vida do autor.

Segundo Sheila Dryzun, em sua obra *Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe – A história de uma história (2009)*, era na base do aeródromo de Ambérieu que se concentravam todos os pilotos e que na hora do intervalo dos mesmos Saint-Exupéry decide aproveitar o momento e tenta conversar com um piloto, implorando para que o deixe sobrevoar junto com ele. Antoine com apenas 7 anos conseguiu convencê-lo e, pela primeira vez, ele descobre o prazer de voar. Esse percurso foi o suficiente para deixar sua criatividade mais aguçada e sua vontade de pilotar aviões começa a florescer. Com muitas habilidades e sem condições financeiras, Antoine monta, em sua bicicleta, asas de lençóis e pedala em direção a uma rampa construída exclusivamente para tais manobras. Segundo Dryzun (2009), o pequeno garoto enquanto pedalava sua bicicleta declama a seguinte frase: -*Vocês verão quando eu sair voando num avião! A multidão gritará: Viva Antoine de Saint-Exupéry!* (DRYZUN, 2009, p. 17. *Grifo da autora*).

Ainda segundo Dryzun (2009), entre os 7 e 11 anos de Antoine, sabe-se que era um garoto sonhador e que uma de suas paixões era desenhar e escrever, produzira muitos versos, passava horas e horas rabiscando folhas, passava noites em claro, e tinha um confidente, confidente esse que adorava ler seus escritos que era seu irmão François que o apoiava muito. Todavia devido a um problema de saúde, a um surto da época, seu irmão acabou partindo cedo, com apenas 15 anos de idade deixando no coração e na vida de Antoine o mistério da morte. Antoine já com 14 anos passou por um tempo muito difícil em seu país pois estavam enfrentando a Primeira Guerra Mundial, onde os soldados ficavam, muitas vezes, centenas de dias entinchados, lutando pela conquista de pequenos pedaços de território. A fome e as doenças também eram os inimigos destes guerreiros. Nos combates também houve a utilização de novas tecnologias bélicas como por exemplo, tanques de guerra e aviões. Enquanto os homens lutavam nas trincheiras, as mulheres trabalhavam nas indústrias bélicas como empregadas.

2.2 OBEDECENDO ÀS “PESSOAS GRANDES”

Em 1917, a Primeira Guerra Mundial termina, e Antoine de Saint-Exupéry com seu sonho de se tornar aviador ficando cada vez mais aguçado, tinha que optar por seguir um único caminho, sendo que o caminho na época que parecia ser mais seguro e adequado para ele de acordo com as crenças das “pessoas grandes”, termo que

costuma usar em suas obras e que Dryzun (2009) cita: “No entanto, os adultos exigem que ele faça a Escola Naval”. As pessoas grandes nesse caso estão representadas pela sua mãe. Antoine acaba acatando o pedido de sua mãe e tenta ingressar na escola Naval, mas sem muita vontade e dedicação acaba por reprovar nos testes de admissão. A obediência às “pessoas grandes”, que lhe apelavam, induzia a se tornar uma “pessoa séria” e com uma boa formação, deixavam-lhe sem paz interior e ele decide partir para Paris atrás de um curso de Arquitetura, mas que não lhe rendera muita ambição e muito menos desejo de abandonar a grande arte de escrever, por isso passava a maior parte do tempo desenhando e escrevendo nos bistrôs da cidade. Segundo Dryzun (2009), no hotel onde ficou hospedado circulavam grandes nomes da literatura local, como Jean Prévost e André Gide, lhe instigando ainda mais para a arte de escrever, passando horas escrevendo versos e não se dedicando aos estudos da arquitetura o que o levou a desistir do curso.

2.3 ACIDENTE: PRIMEIRO DE MUITOS

Em 1921, Antoine desiste do curso de Arquitetura e parece estar próximo de sua felicidade, pois é convocado para o serviço militar e isso o deixa muito feliz. Acreditava que iria descobrir os ares de seu país, mas não foi exatamente o que aconteceu. A convocação de Antoine foi para trabalhar em solo como mecânico e isso não o agradou muito por isso pediu amparo a sua mãe Marie, que lhe ajudou a pagar aulas de voo para que pudesse logo ser transferido de setor. Tudo ocorria bem até que um dia, Antoine demonstrando sua personalidade forte e apressada, decola sozinho. Esquecido de que ainda não havia passado pela parte prática da aterrissagem, acaba caindo, mas como diz Dryzun (2009) “[...] por um milagre ou anjo da guarda não se feriu gravemente” (p. 17). Porém, devido a isso ficou duas semanas na prisão militar.

Em 1922, Antoine consegue seu brevê de piloto e logo após dois anos de seu primeiro acidente, seu avião sofre uma pane e acaba caindo novamente, mas desta vez causando ferimentos cranianos e várias contusões. No ano seguinte, é liberado do serviço militar com a patente de subtenente. Antoine, um rapaz de estatura alta, ombros fortes, olhos cheios de vida e com uma aparência admirável, acabou se deixando envolver pela elegância da poetisa Louise de Vilmorin, começando sua

carreira amorosa. Louise, porém, exigia um homem sério com emprego fixo e terreno, Antoine bem que tentou trabalhar em vários lugares, até mesmo como vendedor, para garantir seu romance com Louise, mas não durou muito tempo, pois a paixão por voar era maior. (DRYZUN, 2009).

2.4 FUTURO PROMISSOR

Em 1926, quando Antoine ainda se encontrava “perdido”, sem um futuro determinado e com o sonho de voar longe, conhece o Abade Sudour, um antigo sacerdote da Instituição de ensino, Louis-le-Grand, em Paris na França. Com esse encontro, Antoine recebe a oportunidade que lhe faltara para descobrir o mundo, como a que teve o personagem Pequeno Príncipe. Pierres-Georges Latécoère, dono de todos os aviões construídos para a Primeira Guerra Mundial, que então estavam abandonados, tem uma grande ideia ao olhar seus aviões ociosos: abrir uma empresa de transporte de cartas aéreo. Então, Antoine é apresentado para Didier Daurat, diretor da empresa Latecôre, e logo decola rumo a sua primeira viagem como mensageiro, seguindo a linha Toulouse (França) a Dakar (Senegal). Antoine trabalhou para a companhia Latécoère onde ajudou a implantar rotas de correio aéreo na África, América do Sul e Atlântico Sul.

Antoine seguia uma grande missão, pois não seria fácil sobrevoar a extensão entre Senegal e Marrocos, pois o único ponto de reabastecimento era próximo da Mauritânia, na África. As tribos tuaregues não viam com bons olhos os franceses por isso ao avistá-los no céu abriam fogo e capturavam os pilotos e guardavam em buracos nos desertos, faziam isso para obter comida, armas e dinheiro em troca dos capturados. Com seu avião sobrevoando os tuaregues, necessitou aterrissar com emergência devido a uma pane e se vê diante dos integrantes da tribo que querem capturá-lo. Encontra-se nessa passagem de experiência do autor um forte índice de ligação com o símbolo “Raposa” escolhido na obra visto que O Pequeno Príncipe diante de uma situação adversa se sentiu necessitado de amigos e para isso precisou seguir os conselhos da raposa que diz: Os homens – têm fuzis e caçam. É assustador! (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.83), aqui a raposa demonstra que os tuaregues são os mesmos que na vida dela caçam e matam raposas, coincidindo com os homens que querem capturar os pilotos. A raposa continua, “Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no

mundo...” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.84), sendo assim, Antoine se esforça para aprender árabe, língua dos tuaregues, e começa a cantar e contar histórias noturnas para eles que acabam se deixando cativar. A partir desse momento em vez de tê-los como inimigos passaram a ajudar e devolveram malotes e alguns colegas da aerpostal. Nesse momento, Antoine torna-se chefe da linha Cabo Juby, na Mauritania.

2.5 SURGE O ESCRITOR

Conforme conta Dryzun (2009), sua forma de encarar a vida e sua personalidade, não davam espaço aos colegas da aviação para descobrirem sua segunda paixão: escrever. Marcel Reine, um de seus colegas, que havia sido resgatado por ele, entrou em sua barraca e descobriu alguns escritos e decidiu dividir com os colegas lendo em voz alta. Eram algumas páginas de seu primeiro livro, *Correio Sul*, que fala sobre seu romance com Louise, que era tido como impossível e também foi inspirado pela epopeia do correio aéreo.

Em 1929, Antoine recebe da França uma medalha de cavaleiro da Legião de Honra por seus atos de heroísmo. Torna-se diretor da linha aérea que o leva para a América do Sul onde conhece o Brasil e a Argentina. Em Buenos Aires ele reencontra seus amigos Mermoz, Guillaumet e no Brasil são tidos como heróis, pois traziam consigo a coragem, enfrentando perigos, sobrevoando o oceano e a selva. Eles também realizavam salvamentos, bem como, traziam mantimentos. E como eram guiados pelas estrelas, eles precisavam decifrar o oceano. Devido a esse atrevimento de substituir as bússolas e desafiar as ventanias, Guillaumet, amigo de Antoine e colega da Aeropostale, sofre uma pane na cordilheira dos Andes e some. Depois de cinco dias desistem das buscas, mas Antoine não desiste e uma semana depois encontra seu amigo que foi resgatado por uma tribo “...Dias depois, Guillaumet volta ao local do acidente para desenterrar a correspondência protegida no tecido do seu paraquedas...” (DRYZUN, 2009, p. 33) e encaminha aos destinatários com a seguinte frase “Atraso devido ao serviço”.

Dryzun (2009) fala também que em 1930, Bouilloux-Lafont, francês visionário radicado no Brasil, adquire 93% da companhia aérea de Pierre Latécoère, e dá o cargo de chefe dirigente da companhia em Buenos Aires para Antoine, que por esse status

acaba sendo convidado para vários eventos e em um deles conhece sua principal inspiração, Consuelo Soucin, uma bela e sedutora moça que logo cai nos braços do poeta-piloto.

A crise de 1930 e a revolução no Brasil abatem a companhia aeropostale que acaba fechando e Antoine embarca para a França e retorna ao lugar de suas memórias de infância, o castelo de Saint-Maurice de Reméns que se encontra nas mãos de outros donos. Em 1931, ele se casa com Consuelo em Agay, no castelo da sua irmã mais nova. Com a quebra da bolsa de valores de Nova York o mundo todo sente, mas como Antoine se tornou famoso pelas suas publicações, sente-se confortável para pedir uma colocação na Air France, mas só consegue ser contratado como piloto de teste e volta à estaca zero em sua sonhadora profissão. Um erro no ângulo de aterrissagem leva Antoine, o mecânico e o engenheiro a adentrar no mar mediterrâneo, em 1933, sendo retirados por um guindaste. Antoine com vida, porém, bem machucado foi entregue a Consuelo que coloca um pano encharcado de perfume na sua face, que o faz acordar, deixando-a feliz por ter acordado seu amor. Passando por essa turbulência Antoine é contratado pela Air France como conferencista e passa a viajar pelo mundo. (DRYZUN, 2009)

2.6 A VIAGEM DA GLÓRIA

Segundo os fatos narrados por Dryzun (2009), as economias de Antoine chegam ao fim quando surge uma oportunidade de receber 150 mil francos, o que seria suficiente para cobrir suas dívidas. Ele deveria bater o recorde de atravessar de avião o trecho Paris a Saigon e no dia 29 de dezembro de 1935 decola junto com seu mecânico Prévot. Começa um grande tremor que os leva para baixo onde se deparam com o deserto da Líbia. Entre as dunas da areia escaldante Antoine se vê diante de uma situação diferente. Do mesmo modo, o Pequeno Príncipe também se encontra na obra triste pois acreditava que havia apenas uma rosa para cativar e que não existisse nenhuma outra flor igual a ela e numa situação adversa, como a de Antoine em sua aterrissagem forçada, acaba encontrando um campo cheio de rosas e fica a observá-las. Então Antoine em sua tentativa de não ser alvo dos tuaregues, investiu na cativação dos homens, de acordo com o conselho que a raposa dá para o Pequeno Príncipe, como pode-se ver nesse fragmento: Que quer dizer cativar? - É algo quase

sempre esquecido – disse a raposa. – Significa “criar laços”. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.84). Nesse fragmento chega-se à conclusão que o próprio Antoine assim como o personagem Pequeno Príncipe através de uma situação contrária da sua realidade acabam tendo que aprender a usar a virtude de “criar laços” como diz a raposa. Devido a aterrissagem forçada de Antoine percebe-se que ele se encontra no deserto sem líquido, então improvisam lonas para poder tomar o orvalho em forma de maná que na manhã seguinte se forma na lona, deixando-os envenenados e que acaba os intoxicando e, em seguida, começam a vomitar, porém quando achavam que não havia mais chance de vida uma tribo os encontra e acabam sendo entregues para seus amigos.

2.7 SURGE A PERSONAGEM DE CABELOS DOURADOS

Em 1936, estoura a guerra Civil na Espanha e com isso Antoine começa a escrever sobre o tema. O autor não entendia: “por que nos odiamos? Somos solidários, transportados pelo mesmo planeta, somos tripulação de um mesmo navio”. (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016 p. 138). Em 1939 estoura a Segunda Guerra Mundial, Exupéry encontra-se muito machucado e impossibilitado de pilotar novamente devido a seus vários acidentes aéreos. Por conselhos de amigos e de sua esposa, decide se exilar em Nova York, em 1940. Durante essa sua estada de exílio ele publica *Piloto de Guerra*, no ano de 1942.

No verão do mesmo ano, no Café Arnold, em um almoço com seu editor Eugene Reynal e sua esposa, Elizabeth, surge o primeiro esboço do Pequeno Príncipe. Seu editor percebeu um desenho e pergunta o que é, e imediatamente Antoine responde: “Nada de mais. Apenas o garoto que existe no meu coração”. (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 145). Então, Elizabeth sugere que o tal garoto se torne um herói de um livro infantil, a resposta é “[...] um longo olhar, daqueles que atravessam as paredes, os desertos, as montanhas, e vão parar dentro da gente.” (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 146).

2.7.1 A publicação da obra *O Pequeno Príncipe*

Finalmente, em 6 de abril de 1943, Antoine de Saint-Exupéry lança a obra *O Pequeno Príncipe*. Esta obra, que segundo o site dirigido por Sheila Dryzun, teve e ainda tem repercussão mundial por ser o terceiro livro mais vendido na história dos clássicos. Conhecida por ser uma obra de literatura infantil, seu vasto conteúdo e sua riqueza de “lições morais” acabam por torná-la uma leitura também adulta. O livro envolve temáticas como: relacionamento interpessoal, existência e crítica sobre a importância elevada que os sujeitos conferem a valores materiais. Antoine impressiona seus leitores com sua obra que fala de temas como amor, esperança, gratidão, dentre outros, por ter sido escrita em um período turbulento de sua vida, quando foi exilado.

A obra tem como narrador um piloto que conta sua história de como seu avião sofre uma pane e cai no Deserto do Saara e lá encontra um pequeno príncipezinho, o qual lhe pede desenhos de carneiro, conta suas aventuras em vários planetas e lhe transmite ensinamentos sobre a vida. Os dois criam uma amizade e trocam experiências, tornando-se assim um adulto com espírito de criança e uma criança com espírito de adulto. A obra só chegou ao Brasil por volta de 1945, pela editora Agir. Na França, ocupada pelos nazistas, seu livro só foi publicado em 1946, pois havia sido proibido na época.

Após o lançamento, Saint-Exupéry tem o desejo de voar novamente, pois como ele mesmo disse, só escreve o que vivencia, então precisava voar para conseguir escrever novamente. (DRYZUN, 2009). Em 1944, prepara-se para a sua nona missão. Com 44 anos e após muita insistência seu comandante acaba cedendo e o deixando voar novamente. Após arrumar-se para decolar, colocando o uniforme e o oxigênio necessário para a viagem, Antoine finalmente decola, rumo ao infinito. Mais tarde obtém-se a notícia de que ele desapareceu do radar, o rádio continuou sem resposta e nunca mais retornou.

Em 1998, um pescador encontra em sua rede de pesca uma pedra cinzenta que antes de retorná-la ao mar, acaba tendo sua atenção prendida no brilho da pedra, pega um martelo e começa a retirar a crosta. Nela havia uma pulseira de prata escrita “Antoine de Saint-Exupéry (Consuelo) c/o Reynal and Hitchcock Inc. 386 4th Ave. NYC USA.” (DRYZUN, 2009 p. 116). As equipes de rastreamento são acionadas e os escombros metálicos foram encontrados no fundo do Mediterrâneo, oeste da ilha de Riou. Não se sabe o que causou tal acidente. Suicídio? Explosão? Um piloto alemão telefonou para as equipes de rastreamento, dizendo que acreditava ter atirado no

avião de Antoine, por ele ser sua inspiração na juventude, porém “[...] nos destroços da aeronave encontrada, os peritos não encontraram marcas de tiro”. (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016. P 154.)

2.7.2 O legado de Antoine de Saint-Exupéry

Em agosto de 1944, no jornal do 1º esquadrão do grupo 2/33, foi publicada a seguinte frase “Um acontecimento vem manchar a alegria da nossa vitória: o comandante Saint-Exupéry não retornou...” (DRYZUN, 2009, p. 97), “Perdemos não somente o nosso camarada mais querido, mas o que era para nós um grande exemplo de fé...” (DRYZUN, 2009, p. 97), “O que mais sentimos é saber que ele não desfrutará da alegria de retornar a uma França livre”. Em 1945, depois de seis anos de guerra à Alemanha se rende acabando com os conflitos que deixavam Antoine entristecido. Em 1946 foi quando saiu sua primeira edição francesa levemente adulterada, vista que sua primeira publicação se deu em Nova York, país onde escreveu a obra exilado. Dryzun (2009) cita que “[...] o livro que não pôde nascer em seu país converteu-se na obra de ficção mais vendida e mais traduzida da história da literatura francesa. ”

A partir do que foi exposto na presente seção, pôde-se vislumbrar um repertório de informações sobre a vida do autor e a obra, sendo que essas informações de contexto poderão ser confrontadas com as escolhas simbólicas. Para entender o que é símbolo é necessário localizar esse conceito dentro dos estudos semióticos, sendo assim, passa-se para a próxima seção que tem por objetivo contextualizar a semiótica.

3 DA LITERATURA À SEMIÓTICA

É através da linguagem que o ser humano se manifesta, e é através da linguagem simbólica que consegue-se transmitir tudo que se tem interiorizado e de mais íntimo, essa significação da linguagem simbólica é dada em cada ser humano de uma forma diferente, pois cada ser constitui uma experiência. Nessa seção será abordado o início da semiótica, bem como seu significado, em seguida são expostas as tricotomias apresentadas por um de seus representantes mais significativos, Pierce.

3.1 SEMIÓTICA

[...] a semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como aprendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido, etc., enfim, tudo que se apresenta à mente. (SANTAELLA, 2002, p. 2)

Uma das ciências que se ocupa do estudo da linguagem em seus diversos modos de realizações, linguagem verbal, não verbal, imagens, gestos, enfim, toda a manifestação dela, recebe o nome de Semiótica. (SANTAELLA, 2002, p. 3). Os seres vivos se comunicam através da linguagem verbal e não verbal e a semiótica nos coloca de frente para a realidade de toda e qualquer linguagem. É através das linguagens verbais que circulam conceitos e que formam os sistemas sociais e representa uma cultura, uma nação. (SANTAELLA, 2002, p. 4). É através da semiótica que pode-se desvendar os modos de constituição de todo fenômeno de produção, significação e de sentido. Segundo Santaella (2002), Pierce tornou a semiótica uma real filosofia científica da linguagem e através da fenomenologia, esta que faz nascer toda e qualquer experiência de pensamento, conseguiu classificar a semiótica como sendo uma das possíveis classificações de signos da realidade.

3.2 SIGNOS E SUAS RELAÇÕES TRIÁDICAS

Segundo Santaella (2002), Peirce coloca o signo como elemento principal em sua busca pela lógica dos fenômenos da consciência. Partindo do pressuposto que as interferências são internas e que as objetivas são externas que atuam sobre nós, Peirce diz que há três categorias que mostram como os fenômenos aparecem na consciência, essas estão ligadas às relações interpessoais. Sendo assim, as categorias trabalham com a operação que a mente processa através do pensamento, formando o signo. Pode-se então afirmar que o signo é um objeto com sentido particular que representa outro objeto e que só terá esse poder de signo se carregar a representação de outro signo diferente dele, ou seja, um objeto. Sendo assim, as características que o influenciam e os elementos que cria para essa adaptação, mantem-se fidedigna a original. De acordo com essa ideia compreende-se que as três categorias que levarão a um raciocínio lógico do signo e a uma apreensão de todo fenômeno, são elas: a primeiridade, secundidade e terceiridade. (SANTAELLA, 2002).

Segundo definição de Santaella primeiridade “trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) in totum, indivisível, não analisável, inocente e frágil” (SANTAELLA, 2012, p. 27), ou seja, em palavras mais claras é tudo aquilo que não tem referência que não tem ligação com o passado ou o futuro, é aquilo que “se fosse possível parar a consciência no instante presente” (SANTAELLA, 2012, p. 65) seria apenas uma impressão ou sentimento.

No que se refere à secundidade, ela é definida como “a categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço” (NÖTH *apud* PAIÃO; MARQUES, 1995, p. 64), é como se tudo que se tem na memória, ou seja, as experiências voltassem à tona nesse momento. Um exemplo claro seria quando alguém fala a palavra “casa” sendo assim cada indivíduo irá em segundo plano lembrar e obter o signo representativo daquele objeto de acordo com que se tem armazenado na memória de suas experiências.

Por fim, a terceiridade, nas palavras de Peirce, “é a categoria da mediação, do hábito, da memória, da continuidade, da síntese, da comunicação, da representação, da semiose e dos signos” (PEIRCE *apud* NÖTH *apud* PAIÃO; MARQUES, 1995, p. 64). Costa em seu artigo *A semiótica de Peirce em imagem-tempo*, diz que:

A terceiridade não é apenas a consciência de algo, mas também a sua força ou capacidade sancionadora. [...] Sendo cognitiva, torna possível a mediação

entre primeiridades e secundidades. Em tudo, sempre haverá algo considerado como começo (primeiro) e algo que pode ser considerado como fim (segundo), mas para conhecer a totalidade precisamos conhecer a relação entre começo e fim – o processo (terceiridade) (PIGNATARI *apud* COSTA, 2004, p. 45).

Finalmente, consegue-se nessa etapa a junção das duas primeiras categorias o que nos levará a uma interpretação do mundo através dos símbolos. Pois, na obra, *O Pequeno Príncipe*, juntamente, com essa pesquisa desejou-se verificar as influências que as experiências de vida de Antoine de Saint-Exupéry têm nas escolhas dos símbolos; o Pequeno Príncipe, a rosa e os vulcões. Constantemente durante a obra se vê que o autor utiliza de símbolos para remeter ao passado e que dentro da análise baseada nos estudos dos símbolos de Pierce, leva-se a crer que esse passado seja uma forma de crítica à sociedade da época e também uma forma de contar suas experiências e trajetória de vida. Levando em consideração que a obra *O Pequeno Príncipe* foi desenvolvida nos Estados Unidos, tempo em que Antoine estava exilado devido à guerra que acontecia em seu país de origem, a França, e que logo que foi lançada, em 1943, a primeira versão em Nova York, percebe-se a grande repercussão que essa obra clássica trouxe e ainda traz, mesmo não sendo lançada no país que Antoine tanto amava e que por ironia do destino falece antes de ver seu país livre de guerras.

3.3 TRICOTOMIAS

Peirce elaborou as divisões tricotômicas do signo. Então a base para explicar tal ocorrência será exposta, através da explicação de Santaella em seu livro *O Que é Semiótica*, a tricotomia criada por Charles Pierce. Pierce estabeleceu uma rede de classificações triádicas para a classificação dos signos tendo como base as relações que se apresentam no signo. Ele estabeleceu dez tricotomias, mas explorou minuciosamente apenas três, declarando que o signo dentro da semiótica é basicamente a procura da explicação da capacidade que o signo tem de representar a realidade, sendo ela através de uma palavra, de uma imagem etc. Segue então as três tricotomias que Pierce explorou: a relação do signo consigo mesmo (1º), a relação do signo com seu objeto dinâmico (2º) e a relação do signo com seu interpretante (3º). (PIERCE, 2010, p.51). Vale ressaltar que, por motivos teóricos e metodológicos, nesse trabalho optou-se por revisar apenas a segunda tricotomia.

3.3.1 Segunda tricotomia: Índice, Ícone e Símbolo

O signo segundo Peirce está diretamente ligado à representação de algo para alguém, ou seja, cria na mente de uma pessoa outros signos através de um objeto, assim sendo, esse segundo é o interpretante do primeiro. O interpretante é determinado pelo signo, porque ele transforma o signo. Ele é um mediador que serve de intermédio entre o signo e o objeto em comum. Assim sendo, o signo que é determinado por alguma coisa que representa, produz um efeito na mente, sendo esse chamado de interpretante. Portanto, o interpretante é a resolução de significado. Assim se dá a ligação do signo com o fundamento, o objeto e o interpretante. (SANTAELLA, 2002).

A segunda tricotomia divide os signos em três espécies: ícone, índice e símbolo. Signo icônico trata de um signo que se refere apenas a uma virtude dos seus caracteres próprios, e ao objeto que tem alguma semelhança entre si. Por exemplo, a caricatura ou retrato, pois eles se definem por uma aproximação ou semelhança com o objeto representado. Através do signo icônico se traz à tona tudo aquilo que se guarda no interior como sentimentos, através apenas de uma cor, por exemplo, que pode representar dor, sofrimento, mas deixando claro que esse sentimento é apenas um exemplo de experiência que alguém, um indivíduo internalizou em sua mente sendo um ícone individual.

Signo indicial trata-se de uma relação por associação ou referência. Essa categoria se evidencia por vestígios. Por exemplo, as pegadas na areia ou fumaça que podem indicar fogo. O signo indicial como o nome mesmo sugere, é algo que indica outra coisa e que está ligada diretamente a ela. O ser humano é o maior produtor de signo indicial, seja ele real, concreto ou singular, pois onde passa deixa um escrito, uma fala ou imagem indicando que algo passou por lá. Porém, ele só pode ser chamado de signo se seu interpretante fizer uma ligação de uma coisa com a outra e que faça uma ligação entre existentes, ou seja, coisas concretas. (SANTAELLA, 2002).

Por fim, o signo simbólico trata da relação signo e objeto como signos arbitrários, legitimada por regras, ou seja, elas são convencionais, como o símbolo religioso. O que corresponde à associação de ideias produzidas por uma convenção. Por exemplo, a pomba branca, que é símbolo da paz ou a bandeira, que é símbolo da

pátria. Tudo isso, porém, só existe se conhecer a história, nada é inventado ou criado, tudo já faz parte da cultura internalizada do indivíduo. Ou seja, essas imagens correspondem à impressão que se têm ao vê-las. (SANTAELLA, 2002).

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo [...] Sem signos não existe ideologia [...] converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade (BAKHTIN *apud* CINTRA; FARCHE, 2002, p. 31)

Ou seja, conforme diz Santaella em *O que é Semiótica* que “se algo aparece como pura qualidade, este algo é primeiro, visto que, o primeiro se dá naquele pequeno segundo em que se vê o objeto, e o segundo se refere ao momento após essa visualização que desencadeia uma série de significações onde o indivíduo começa a interpretar e dar opções de o que pode representar tal objeto, partindo assim para o terceiro momento que é aquele quando já se sabe exatamente através de uma análise mental e cultural interna de cada indivíduo, o interpretante do objeto. É claro que uma qualidade não pode aparecer e, portanto, não pode funcionar como signo sem estar encarnada em algum objeto.” (SANTAELLA, 2002, p.39). Ou seja, “o simbólico é verdadeiro e ativo num plano do real.” (CIRLOT, 2005, p.8). Buscando assim, dentro da obra os signos e seus significados tanto dentro de seu contexto quanto fora dele.

Chegando nesse ponto, consegue-se iniciar o foco da análise, pois é no símbolo que ela se encontra, através das personagens escolhidas por Antoine de Saint-Exupéry na obra *O Pequeno Príncipe* e que fazem ligação com suas experiências de vida.

Além disso, Cintra e Farche em *A Constituição do Discurso em O Pequeno Príncipe*, mostram que existe o ideológico nos signos, ou seja, a existência de um instrumento como signo ideológico, como exemplo o pão e vinho na simbologia cristã. Sem essa ideologia cristã o pão e o vinho são apenas produtos de consumo.

Dentro da área de pesquisa, em torno da obra *O Pequeno Príncipe*, encontram-se vários artigos que se remetem de alguma forma aos símbolos, entre eles cita-se *O Pequeno Príncipe: A importância dos símbolos*, onde se lê que,

[...] o homem utiliza meios, nem sempre verbais, para comunicar o que realmente quer. Exupéry utilizou dessa técnica para demonstrar que é importante, sempre, lembrarmos dos sentimentos citados: Amizade, Amor, Simplicidade, que mesmo se fossem explicados aos adultos, com palavras, não seriam compreendidos [...] (REINER, 2010, p. 11)

Portanto, o discurso ocorre de maneira dialógica, onde a relação entre linguagem e vida é também expressa na interdiscursividade. Apresenta-se tempo, espaço, cultura, tudo o que o autor vivenciou no seu meio social mascarado por valores e anseios que ele possuía na época. Cintra e Farche explicam que:

...considerando-se o contexto de produção de *O Pequeno Príncipe*, é possível entender, em uma perspectiva estilística, a necessidade de uso de uma linguagem metafórica, simbólica, sobretudo para driblar a repressão nazista e, ao mesmo tempo, garantir a possibilidade de atingir o público alvo com reflexões pautadas em valores éticos e morais, contrários aos ideais que nortearam o grande conflito. (CINTRA; FARCHE, 2002, P. 14)

A partir dessa ideia, infere-se que supostamente tais símbolos expostos na obra de Antoine de Saint Exupéry tiveram ligações com o contexto de vida do autor, porém, quais são esses motivos e o que os símbolos objetivam representar foi o que instigou a analisar a obra e também para contribuir e enriquecer com a literatura infantojuvenil.

O *Dicionário de Símbolos* introduz a sua leitura com uma frase inicial onde liga diretamente à pretensão desse estudo sobre os símbolos que diz “o dever mais importante de minha vida é, para mim, o de simbolizar minha interioridade” (HEBBEL *apud* CIRLOT, p.01), a pesquisa em volta de significados de símbolos torna um pouco difícil a aceitação do leitor e até mesmo dúvidas de veracidade em ligar o significado ao símbolo sendo que o mesmo, dependendo do ponto de vista e o contexto histórico, pode ser diferente em cada situação, porém como diz Juan-Eduardo Cirlot em seu *Dicionário de Símbolos* “é mais fácil julgar todo o material simbólico a partir de uma determinada plataforma única, seja a psicanalista, seja espiritualista esotérica, pois, deste modo os significados situam-se num mesmo nível de sentido” (CIRLOT, 2005, p.01), por isso entende-se que os significados aqui expostos não determinam uma única plataforma e sim um contexto no geral e ainda Cirlot afirma “o fascínio do símbolo atua, encontra-se a imagem onde encontrar-se” (CIRLOT, 2005, p.01), ou seja o símbolo é literalmente fascinante independentemente de onde estiver pois é através dessas significações que o homem pode se comunicar e expressar sua real sensação e existência.

4 ANÁLISE SIMBÓLICA

Partindo das escolhas simbólicas das personagens o Pequeno Príncipe, a rosa e os vulcões, é que se tem por objetivo analisar a influência da vida do autor na caracterização das mesmas. A partir dessas personagens, é que se pretende ter discussões para entender os motivos do sucesso da obra, seus diferentes significados e principalmente as motivações do autor para a criação do *O Pequeno Príncipe*. Sabe-se que a obra foi escrita em uma época de guerras, quando Antoine estava exilado nos EUA, e que apesar de todas essas influências negativas, o autor conseguiu transmitir conselhos e lições de moral através de uma literatura infantil fundamentada na esfera simbólica. Visto que toda a obra é baseada em representações imagéticas que nos remetem a algo que nos cativa e que cativou tanto que perdura até hoje como uma das literaturas mais abrangentes no sentido de idade, pois passa de geração em geração e nunca perde seu posto de obra indicada para leituras regularmente. E para nos explicar como funciona essa ligação do leitor com uma obra cheia de símbolos, Reiner nos diz:

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (REINER, 2010, p. 11)

Seguindo essas diretrizes é correto afirmar que é por intermédio das palavras e imagens, que o homem pode expressar os sentimentos mais íntimos, aperfeiçoar seus pensamentos, e então criar seu universo independente, concreto ou incrível o qual pode criar uma nova dimensão e assim criar uma nova significação. Hinterlang em sua tese de mestrado, “Contribuições da Literatura de Monteiro Lobato: Um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do Ensino Fundamental, anos iniciais, da Região Sudoeste do Paraná” (2012), cita que o sociólogo Francês Pierre Bordieu (1983) destaca a literatura como campo de produção de bens simbólicos e culturais, referindo-se à história, não se apresentando como reflexo do social, mas sim como expressão desse universo, uma vez que a literatura é considerada uma produção humana realizada por indivíduos situados no tempo e espaço, e permeada por representações simbólicas que expressam o cotidiano.

Assim se a literatura é expressão de características da vida social, essa pode ser abordada como campo de produção cultural, pois segundo Bordieu *apud*

Hinterlang (1996), o conceito campo é entendido como sistema simbólico, ou seja, representa um campo de forças que buscam manter referências entre o agente envolvido na criação literária, tais como o autor, o editor e enfim, o leitor. Ainda pode-se dizer que durante o processo de escolhas e criação da obra literária, o autor privilegia situações relacionadas à realidade, as quais observa-se através da linguagem utilizada, sendo esta cheia de objetivações aprendidas e determinadas pela vida social e cheia de significação por se ligar ao universo simbólico no contexto em que foi criada. Vircondelet, em “A verdadeira História do Pequeno Príncipe” (2010) destaca que o livro é voltado para os tempos de infância do autor, uma infância magnificada por um escritor, mítica e lendária. A história que o Pequeno Príncipe carrega é cheia de estigmas sobre a infância de Exupéry. O Pequeno Príncipe, ao contrário das outras crianças, não é mimado, ele viveu experiências de dor, carência, infidelidade, vaidade e maldade dos homens. Por esses motivos, é que o Pequeno Príncipe é um adulto com coração de criança.

Por isso, para Lajolo, “[...] é por meio da literatura que o leitor pode ter contato com vários mundos: desde aquele universo que se assemelha aos aspectos da realidade até aquele que envolve elementos do sobrenatural ou de cientificidade. ” (LAJOLO *apud* HINTERLANG, 2012, p. 25). É com esse enfoque sobre a realidade e o contexto histórico do autor da obra *O Pequeno Príncipe* que serão analisados os personagens: O Pequeno Príncipe, a rosa e os vulcões, visto que esses personagens se dividem em duas fases da vida do autor e também seus momentos de amor próprio e amor pela pátria. Na apresentação dos dois primeiros personagens são perceptíveis o íntimo do autor e o desejo de representar os sentimentos mais íntimos que estavam guardados dentro de si, e no último, uma denúncia à sociedade da época.

4.1 O PEQUENO PRÍNCIPE

É inevitável a leitura da obra sem se questionar quem era o Pequeno Príncipe, quem o autor usou de inspiração para o personagem, e para tal pergunta se tem a seguinte colocação:

Em *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry, manifesta-se um enunciator-narrador, que em uma viagem em seu avião perde o controle e cai no deserto do Saara. Lá ele conhece o Pequeno Príncipe, personagem

que conta ser de outro planeta para onde queria regressar. A partir daí o menino conta todo o percurso que fez e suas respectivas histórias, até chegar a Terra. As histórias interferem nas emoções do narrador, ao comparar as ideias do príncipe às que ele tinha na infância.” (CINTRA; FARCHE, 2011, p. 2).

Nessa afirmação, encontra-se a interferência da vida do autor em relação à obra, visto que quando criança foi uma pessoa audaciosa e com grandes sonhos como o próprio Pequeno Príncipe. Antoine nasceu em 1900, um ano em que a França passava por momentos muito conflituosos devido a Primeira Guerra mundial, custando ao país milhares de mortos e muitas despesas, aumentando sua dívida e seu atraso em relação às outras potências. E foi assim que surgiu o menino de cabelos desalinhados que habitava a mente, o coração e os papéis de Saint-Exupéry. Um menino que amadurece antes mesmo de existir. (DRYZUN, 2009).

O personagem Pequeno Príncipe é um menino que deixa seu asteroide e realiza uma viagem que o leva por outros planetas até chegar à Terra, onde conhece o avião que narra sua história. É o personagem principal da obra e todo o livro gira em torno de sua jornada. Em um contexto relacionado com a vida de Antoine, em sua infância, onde uma criança de apenas doze anos, adora e contempla as máquinas barulhentas que sobrevoam o céu. Pode-se comparar esse desejo de voar com as cenas narradas pelo Pequeno Príncipe, pois como percebe-se em sua audácia, Antoine com apenas 12 anos conseguiu convencer o piloto Gabriel Wroblewski a deixá-lo “ser batizado no ar”, alegando que sua mãe havia autorizado. “Piloto de avião durante a Segunda Grande Guerra, o autor se fez narrador da história, que começa com uma aventura vivida no deserto depois de uma pane no meio do Saara”. (REINER, 2010, p. 6).

Logo abaixo o cartão postal (figura 1) com foto de 1912, autografado por Saint-Exupéry, com a seguinte frase; “Para Thenoz que foi batizado no mesmo aparelho que eu. Com amizade Antoine de Saint-Exupéry”. (DRYZUN, 2009)



Figura 1 - Cartão postal com foto de 1912, autografado por Saint-Exupéry
 Fonte: Dryzun (2009, p. 16)

Parte-se de uma análise em que Peirce e Santaella expõem que desde o século XIX, a representação tem sido um conceito-chave da semiótica e a partir de meados do século XX passou a ocupar o terreno da ciência cognitiva (SANTAELLA *apud* COSTA, 2001, p.186). Costuma-se dizer que, na semiótica peirciana, representação é sinônimo de signo. Para Santaella *apud* Costa (2001), isso é menos do que meia-verdade, pois a representação é apenas uma face da mediação, e a outra face está na determinação.

A função do signo é funcionar como mediação. Toda representação social é construída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-los ou corrompê-los. Isso acontece, pois quando o signo herdado é visto por outro interpretador ele pode ser corrompido e se modifica. Com isso, nossa análise se baseia no ponto de vista documental, para que se consiga uma interpretação mais plausível com o que o próprio autor quis passar para o leitor.

Conforme visto na seção anterior, Peirce diz que há três categorias que mostram como os fenômenos aparecem na consciência, essas estão ligadas às relações interpessoais, intersubjetivas. Elas trabalham com a operação que a mente processa através do pensamento, formando um signo. Ou seja, o signo é um objeto com sentido particular que representa outro objeto. No caso do Pequeno Príncipe, nessa análise, trata-se do signo icônico, que é um signo que se refere apenas a uma virtude dos seus caracteres próprios, e ao objeto que tem alguma semelhança entre

si. Por exemplo, a caricatura ou retrato, pois eles se definem por uma aproximação ou semelhança com o objeto representado, no caso refere-se a Antoine de Saint-Exupéry.

O personagem de cabelos dourados bem como também Antoine seguem uma característica pessoal muito próxima. Antoine na sua infância juntamente com seus irmãos era encaminhado por sua mãe a seguir um caminho da arte, então desde pequeno já elaborava roteiros para encenar com seus irmãos.

O Pequeno Príncipe, ao iniciar sua passagem na obra, solicita ao narrador “Desenha-me um carneiro? ”, demonstrando aqui a infância de Antoine onde seu sonho de artista foi desencorajado pelas pessoas grandes. É a partir desse pedido que começam as fantasias de uma criança, que questiona as coisas mais simples da vida com pureza e ingenuidade. (REINER, 2010). “Dando asas à fantasia e à criatividade, Antoine escreve de forma livre e natural pequenos roteiros para serem interpretados às pessoas grandes (figura 2), e transforma, desde cedo, com seu grafismo intuitivo, as ações do dia a dia em pequenos milagres”. (DRYZUN, 2009, p. 20).

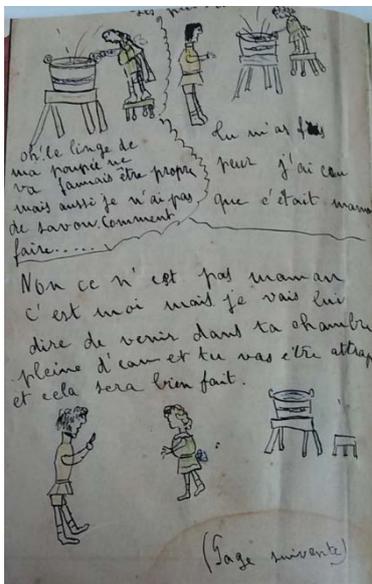


Figura 2 – Álbum criado pelos irmãos Exupéry
Fonte: Dryzun (2009, p. 18)

Tudo que se vê é fruto das experiências e do passado, ouçamos Pierce:

“Não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossa vida”. Analiso a experiência, que é a resultante de nossa vida passada, e nela encontro três elementos. Denomino-

os categorias. São, portanto, categorias lógicas que aqui aplicaremos ao campo das manifestações psicológicas não só porque, como tal, as categorias se nos apresentam como coisas vivas e vividas, mas também porque, a partir disso, tornar-se-á claro por que, para nós, o mundo aparece e se traduz como linguagem, fundamento de toda a Semiótica. (SANTAELLA, 2012, p. 40).

O Pequeno Príncipe, é uma personagem que conhece vários países e conheceu muitas pessoas diferentes como também obteve muita experiência ao percorrer as galáxias. Na obra, a personagem não fica em apenas um planeta pois quer conhecer todos os planetas, tem-se aqui a ligação com a vida do autor e narrador da história, pois Antoine, um jovem poeta e sonhador, também não era muito do solo firme e sim do ar, como é visível em sua experiência, em 1921 quando foi convocado para a força aérea de Estraburgo. Conforme figura 3, Antoine com seu uniforme.



Figura 3 - Antoine, em 1921, com uniforme do batalhão da força aérea de Estraburgo
Fonte: Dryzun (2009, p. 24)

Na força aérea, como na obra, Antoine e o personagem de cabelos dourados seguem o mesmo padrão de vida, são personalidades fortes que não tem regra. Antoine na aviação recebeu o cargo para operações no solo, porém em seu curso de aviação decide decolar sozinho e acaba deslizando no chão não sofrendo ferimentos graves. Devido a sua desobediência ficou preso por duas semanas.

Em sequência aos fatos e experiências de Antoine de Saint-Exupéry, encontra-se algo que marca muito a obra e que faz ligação e que pode ter sido uma das grandes influências para a escolha simbólica da “raposa”, que não entra na nossa análise, porém é de suma importância, pois faz ligação direta com o Pequeno Príncipe. Em 1927, Antoine se torna chefe da linha no cabo Juby, extensão dos mouros rebeldes no protetorado espanhol. Nesse ponto “[...] os mouros atacam os aparelhos e capturam os pilotos, guardam-nos em buracos no deserto e só os devolvem em troca de comida, dinheiro, armas, muitas vezes depois de tê-los torturado ou até chacinado”. (DRYZUN, 2009, p. 27), porém como diz Antoine: “*A coragem é apenas a soma de um pouco de raiva, um pouco de vaidade, muita teimosia e um prazer desportivo banal.*” (DRYZUN, 2009, p. 29, grifo da autora). Então, ele decide montar uma barraca no tempo, com os nômades, o que causa estranhamento por parte dos mesmos, mas que acabou conquistando a confiança dos mouros, conseguindo assim resgatar malotes e salva vários amigos que haviam sido capturados. Essa experiência de Antoine se revela na obra *O Pequeno Príncipe*, quando no deserto o príncipe encontra a raposa (figura 4) e ela lhe diz:

Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 84).



Figura 4 - Momento em que a raposa é cativada pelo pequeno príncipe
Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 84)

O autor tenta reconstruir sua memória passada nos tempos em que era audacioso e conseguiu cativar os mouros, dando exemplo para toda a sociedade da época perdurando até o século XXI (figura 5). Uma frase muito marcante e utilizada até hoje para esclarecer o ser humano da importância das coisas mais simples e dos sentimentos é “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. ”, e “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. ” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.90)



Figura 5 – Saint-Exupéry voltando após salvar colegas das mãos dos mouros
Fonte: Dryzun (2009, p. 28)

Os seres humanos no geral, utilizam da linguagem verbal para se comunicar e Antoine também utilizou desse meio em sua obra para demonstrar, em símbolos, que pode-se sim expressar o que quer utilizando de instrumentos da simbologia, como é o caso do príncipe com a raposa que se deixou cativar.

Em 29 de dezembro de 1935, Antoine juntamente com seu mecânico, André Prévot, decolam para uma aventura arriscada a bordo do Simoun rumo a Saigon, numa aventura mais fantástica do que ele poderia imaginar. Conforme mostra a figura 6.



Figura 6 – Saint-Exupéry partindo para o voo desafiante
Fonte: Dryzun (2009, p. 50)

Viajaram por 4 horas quando as nuvens ficaram escuras e era impossível a penetração quando de repente ouvem um estrondo. O avião desliga e desliza pelo deserto da Líbia.

Vivi, portanto, só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar, até o dia em que uma pane obrigou-me a fazer um pouso de emergência no deserto do Saara, há cerca de seis anos. Alguma coisa se quebrara no motor. E como não trazia comigo nem mecânico nem passageiros, preparei-me para executar sozinho aquele difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou morte. A água que eu tinha para beber só dava para oito dias. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.12)

Antoine foi sempre um rapaz audacioso desde pequeno dizia que um dia iam agradecer por ele ter ajudado seu país.

Antoine amarra em sua bicicleta duas asas feitas com um lençol". Equilibra a engenhoca numa rampa improvisada, enquanto pedala com energia, e exclama triunfante aos quatro irmãos:
- Vocês verão quando eu sair voando num avião! A multidão gritará: Viva Antoine de Saint-Exupéry! (DRYZUN, 2009, p. 27).

Em um momento da obra percebe-se que o narrador se torna personagem de sua própria história, ou seja, o herói assume o domínio sobre o autor, também há possibilidade do reflexo do autor deslocar-se para as palavras da personagem e, em último, o herói assume o domínio sobre o autor da seguinte forma: o personagem vê-se no meio do deserto, com água para poucos dias e sem comunicação, assim, resolve logo consertar sua máquina. Fato que se mostra comprovado pela vida do autor, conforme a figura 7.



Figura 7 - Antoine no deserto após a queda do avião
Fonte: Dryzun (2009, p.52)

A pane no Saara, na duna onde Saint-Exupéry viu apresentar-se para si sua alma sob os traços de sua infância, não foi a única etapa do deserto que contribuiu para a edificação do *Pequeno Príncipe*. (ZELLER, 2006, p. 46).

Em “A vida secreta de Antoine de Saint-Exupéry- A parábola do Pequeno Príncipe” de Renée Zeller (2006), encontram-se vários comentários do autor, sobre o sentimento de solidão de Antoine, por isso essa volta ao mundo e essa vontade de sair do mundo onde estava, pois seu país estava passando por um momento delicado. Saint-Exupéry escreveu o livro durante a Segunda Guerra Mundial, e exatamente nesse tempo estava exilado nos Estados Unidos. Foi aviador da Segunda Guerra Mundial e uma pessoa muito ligada à família e à religião. Preocupava-se com o que seria de seu país no futuro, com o bem-estar das pessoas e, como não podia expressar seus sentimentos e ideias na época, acabou por contar, nas entrelinhas, a sua verdadeira história de sentimentos e de preocupação com a humanidade.

Considerando-se o contexto de produção de *O Pequeno Príncipe*, é possível entender, a necessidade de uso de uma linguagem simbólica, sobretudo para driblar a repressão nazista e, ao mesmo tempo, garantir a possibilidade de atingir o público alvo com reflexões pautadas em valores éticos e morais, contrários aos ideais que nortearam o grande conflito. Interessa-nos também compreender as relações entre o autor e a obra, não de modo a situá-lo na narrativa como presença física, mas a fim de compreendê-lo como autor-criador, que materializa em discurso a presença de um enunciador-observador social. (CINTRA; FARCHE, 2011, p.14).

Foi em meio a essa vida turbulenta e exilada nos Estados Unidos que o Pequeno Príncipe começou a tomar forma, em todos os lugares se viam rabiscos onde

se caracteriza sempre a mesma silhueta (figura 8). “Manuscritos e mensagens não escapam da obstinação de um pequeno ser querendo nascer.” (DRYZUN, 2016, p. 143).



Figura 8 - Imagem do Pequeno Príncipe
Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 71)

Imaginem qual foi a minha surpresa quando, ao amanhecer uma vozinha estranha me acordou. Dizia:

__Por favor... desenha-me um carneiro!

__O quê?

__Desenha-me um carneiro...

Levantei-me num salto, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei ao meu redor. E vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 12)

De acordo com a pesquisa, embasada no que diz respeito aos periódicos, é necessária uma pesquisa no que se refere ao símbolo “Príncipe”. Para melhor esclarecimento encontra-se em *Dicionários dos Símbolos* o seguinte:

O príncipe ou filho do rei é uma forma rejuvenescida do rei Pai, como o sol nascente o é do sol que morre. O príncipe aparece nas lendas com frequência como herói; sua virtude é a intuição e não é raro que possua poderes demiúrgicos. (CIRLOT, 2005, p.475).

O autor de *O Pequeno Príncipe* se coloca numa realidade anterior, como se ele estivesse revendo seu passado por um espelho e conforme consta no *Dicionário dos Símbolos* de Juan-Eduardo Cirlot, o príncipe representa a juventude de Antoine.

Contrastando o personagem o Pequeno Príncipe com o autor Antoine de Saint-Exupéry, tem-se na obra a presença da morte, assim como na vida do autor. No dia 31 de julho de 1944, Antoine se prepara para mais uma missão extraordinária, tendo com destino Saboia onde iria sobrevoar sobre o mar mediterrâneo e tendo 44 anos de idade e com várias sequelas, continua brincando como um jovem. Não

passava pela cabeça de seus colegas que aquela poderia ser sua última viagem a não ser por causa da idade, mas aquele voo na Lightning foi o último de Saint-Exupéry, que viajou para o infinito.

Houve apenas um clarão amarelo perto da sua perna. Permaneceu, por um instante, imóvel. Não gritou. Tombou devagarinho, como tomba uma árvore. Não fez sequer barulho, por causa da areia. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 111)

Segundo Lacerda *in* Saint-Exupéry, há ainda quem veja na morte do irmão de Saint Exupéry, François, seu maior amigo e confidente, a origem do tema da morte de uma criança [...] o Pequeno Príncipe. (LACERDA *in* SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 130.) A questão da partida da criança, por mais que provoque a dor da separação, não necessariamente traz o sentido de morte, apesar do Pequeno Príncipe ser picado por uma cobra, em nenhum momento fica explícito a morte do príncipezinho, mas sim que ele retornou ao seu planeta. Sendo assim, tem-se a proximidade ao mito da criança eterna, que está ainda dentro do autor. O Pequeno Príncipe, no início da obra, não aparece no deserto para salvar o aviador, mas sim para fazê-lo retomar a sua carreira magnífica de pintor. Seria como fala Lacerda “o arquétipo encarnaria a reparação possível dos prejuízos causados pela extravagante racionalidade dos adultos.” (p. 131).

4.2 O PEQUENO PRÍNCIPE E A SUA LIGAÇÃO SIMBÓLICA COM A ROSA

Desde o início da obra se tem a participação incessante de um símbolo que perdura até o final da mesma. A rosa é um símbolo forte que tem como significado aquilo que diz Santaella;

Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante. (SANTAELLA, 2012, p. 90).

Assim tem-se como significante do objeto Rosa, a esposa de Antoine, Consuelo. É através de relato de Consuelo e a carta deixada por ela que torna-se

possível chegar a essa conclusão. A carta que ela escreve para Antoine cinco meses após a publicação do livro, em que diz:

Então, meu querido, pense em tudo que tem a fazer e quantas alegrias dará à sua rosa, à sua rosa vaidosa, que dirá consigo mesma: “Sou a rosa do rei, sou diferente de todas as outras, por que ele cuida de mim, me faz viver e me respira...” (LACERDA *in* SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 130)

Em 1933, Antoine se casa com Consuelo, porém a vida a dois não se concretiza por muito tempo, pois Antoine como o Pequeno Príncipe cansa da vida terrena. Antoine “[...] reclama dos seus humores imprevisíveis, da sua falta de dedicação, dos pintores surrealistas e dos homens que a rodeiam”. (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 138). “Consuelo reclama de estar sempre esperando, enquanto o marido arrisca a própria vida e outras ‘rosas’ aparecem em seu jardim.” (DRYZUN *apud* SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.138). Assim decidem seguir caminhos diferentes, ele vai para os Estados Unidos e ela vai sua cidade natal, na Guatemala. E assim se segue a obra como mostra no seguinte fragmento:

-Adeus – disse ele à flor.
Mas a flor não respondeu.
-Adeus – repetiu ele.
A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado. [...]
-Não demores assim, que é exasperante. Tu decidiste partir. Então vai!
Pois ela não queria que ele a visse a chorar. “Era uma flor muito orgulhosa...” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 46) (figura 9)



Figura 9 - Encontro da rosa com o Pequeno Príncipe
Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 41)

Após sua partida do planeta, o Pequeno Príncipe não se esquecia de sua rosa jamais, e depois que descobriu que sua rosa era única morria de remorso por tê-la deixado sozinha.

4.3 A ROSA

Logo no início do capítulo VII do livro *O Pequeno Príncipe*, percebe-se vestígios com a ligação do passado de Antoine e a história narrada. Quando ele diz que em seu planeta havia muitas flores, porém “[...] flores simples de uma fileira de pétalas e que não ocupavam espaço e nem incomodavam ninguém” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p 40), ele apenas relembra de seu passado, quando ainda mais jovem, em meados de 1923, acabou se apaixonando por Louise de Vilmorin, irmã de um amigo, e que por destino ela acaba rompendo o noivado, Louise seria uma das rosas que apenas passaram por sua vida e que não incomodavam pois não ocupavam espaço em seu coração ou seja nas palavras de Pequeno Príncipe ela não havia sido cativada. Para fazer ligação entre as duas cenas, a do livro e a da vida real, Antoine, em 1929, escreveu *Correio Sul*, o seu primeiro romance, em que tratou o fracasso da sua relação com Louise.

O signo representado pela rosa é o signo simbólico que trata da relação signo e objeto como signos arbitrários, ou seja, é algo convencional. O que corresponde a associação de ideias produzidas por uma convenção. No caso, a rosa (figura 10) representaria a sua esposa Consuelo que por convenção, as pessoas que conhecem sua história, saberão que o signo rosa faz menção à esposa de Saint-Exupéry. Tudo isso então, só existe se conhecer a história, nada é inventado ou criado, tudo já parte da cultura internalizada do indivíduo. Segundo o *Dicionário dos Símbolos*:

A rosa única é, essencialmente, um símbolo de finalidade de sucesso absoluto e perfeição. Por isto, pode ter todas as identificações que coincidem com o referido significado como.../ “...mulher amada etc. Simbolismos mais precisos derivam de sua cor e dos números de suas folhas. A rosa branca e a vermelha estão na relação que a alquimia determina entre ambas”. (CIRLOT, 2005, p. 504).



Figura 10 - A rosa da obra *O Pequeno Príncipe*
 Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 36)

Então decepcionado com seu romance com Louise opta pela sua paixão de infância e vai trabalhar na Latécoère como piloto. Tendo consciência do processo de escolhas de símbolos, entende-se que a narrativa cria sentidos, implica na descrição de experiências, sendo essa sua importante forma de criar significados, significados esses que são expostos juntamente com a escolha de cada desenho ou personagem que Saint-Exupéry utiliza. Para representar, de fato, o sentimento amor dentro da obra e fazer a ligação com sua experiência de vida, Antoine de Saint-Exupéry conta com Consuelo, essa sim digna de ser representada por uma rosa. Como Zeller ressalta, a simbologia da flor, reflete como a “flor delicada do amor humano, do amor do homem pela mulher” (ZELLER, 2006, p. 61). Em uma das festas que acontecia na embaixada da França, em Buenos Aires, que Antoine era acostumado a frequentar, depois de se tornar chefe da companhia que lhe permitiu conhecer o amor de sua vida e que mais tarde se tornaria personagem de sua maior obra literária de sucesso, conheceu Consuelo.

Em 1931, Antoine de Saint-Exupéry casou-se com Consuelo. Ela que apesar da adoração que sentia por Antoine, viveu com ele um casamento conturbado, repleto de ausências, ciúmes e infidelidades de ambas as partes. Pode-se encontrar vários momentos em que a rosa tem características semelhantes às de Consuelo.

- Como és bonita!
 - É verdade - respondeu a flor docemente. - E nasci ao mesmo tempo que o sol.... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 41)

Bela, única, maravilhosa, mas ao mesmo tempo vaidosa e dramática, a rosa apareceu um dia no asteroide do príncipezinho e desde o primeiro momento ele a

cuidou. A beleza da rosa que encantou o Pequeno Príncipe nesse capítulo, se assemelha ao encanto que houve quando Antoine encontrou Consuelo na embaixada da França, em Buenos Aires. E quando a flor responde que sim que ela realmente é bonita e que nasceu ao mesmo tempo que o sol nos remete ao significado da flor nascente, aquela que passa pelas fases e se transforma aos poucos, pelas quais se tem que passar, mas que implica em uma conquista entre diversos ritos e rituais, como os que a rosa enfrenta para ser realmente rosa e, não, cravo.

O Pequeno Príncipe percebeu logo que a flor não era modesta. Mas ela era tão envolvente!

- Creio que é hora do café da manhã - acrescentou ela. - Tu poderias cuidar de mim...

E o príncipezinho, atordoado, tendo ido buscar um regador com água fresca, molhou a flor. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 41 - 42)

Nesse momento, percebe-se a semelhança entre as escolhas que o autor fez na sua obra em relação a acontecimentos reais em sua vida. Pode-se dizer que as experiências de vida do autor as influenciaram nessa passagem do livro. Essa semelhança nos cuidados que Antoine tem com Consuelo, o Pequeno Príncipe tem com sua rosa. Cirlot (2005) nos explica que “O símbolo é a manifestação ideológica do ritmo místico da criação, e o grau de veracidade atribuído ao símbolo é uma expressão do respeito que o homem é capaz de conceder a esse ritmo místico” (p.30)

Em 1938, seu casamento com Consuelo não estava indo bem, decidem por bem se separar. Antoine segue viagem para os Estados Unidos para tentar abrir uma rota entre Nova York e a Patagônia, já Consuelo entra no navio para seguir rumo a sua cidade natal El Salvador.

...E, quando regou pela última vez a flor e se preparava para colocá-la sob a redoma, percebeu que tinha vontade de chorar.

- Adeus - disse ele à flor.

Mas a flor não respondeu.

- Adeus - repetiu ele.

A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.45)

Antoine sofre um acidente aéreo, e para poder se submeter a algumas cirurgias muda-se para Nova York e reencontra Nelly, uma antiga amiga com qual possuía companheirismo há mais de 15 anos, e se torna essencial nessa fase de solidão. Coincidentemente, encontra também Consuelo, visto que devido ao acidente grave que sofreu, ficou em coma e ela foi cuidar dele. O Pequeno Príncipe também

se encontra só, pois deixou para trás sua flor. Ele conheceu um jardim repleto de flores e percebeu que todas aquelas rosas eram iguais, mas a dele era única. Antoine também conheceu várias outras mulheres, mas sabe que a sua era única.

- Sois belas, mas vazias - continuou ele. - Não se pode morrer por vós. Um passante qualquer sem dúvida pensaria que a minha rosa se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que todas vós, pois foi a ela que eu reguei. Foi a ela que pus a redoma. Foi a ela que abriguei com o paravento. Foi por ela que eu matei as larvas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi a ela que eu escutei se queixar ou se gabar, ou mesmo calar-se algumas vezes. Já que ela é a minha rosa. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 89)

Mesmo sendo orgulhosa, brigando com ele, reconhecia que ela era única. Porque "só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos." (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.90). Além disso, a rosa representa as fases a que se submete o discurso literário até ele atingir a dimensão do belo, mesmo que ele, em decorrência de seu caráter claro-escuro, também disponha de espinhos. "As flores são fracas. São ingênuas. Protegem-se como podem. Julgam-se terríveis com seus espinhos..." (LACERDA *in* SAINT-EXUPÉRY, 2015 p. 129) Ele aceita todo o amor que sente pela sua flor, com os prazeres e dificuldades presentes na relação dos dois, no momento em que se afasta dela. Como fica claro nesse trecho:

...mas a flor parecia nunca acabar de preparar sua beleza, no seu verde apositado. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. Ela queria sair no esplendor da sua beleza. Ah sim era vaidosa. Sua misteriosa toailete, portanto, durara alguns dias. E eis que numa manhã, justamente a hora do sol nascer, ela se mostrou. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.40)

A rosa, bem como também Consuelo são símbolos da vaidade e da sedução. "A rosa começou a crescer, parecia vir do nada, ficou horas se arrumando e ajustando suas pétalas" Consuelo também ciumenta, complicada, caprichosa e vaidosa demora para se arrumar. E característica bem marcante é que, como a rosa, a Consuelo também tosse as vezes, pois sofre de asma. E ainda como Antoine na vida amorosa, o pequeno príncipe apaixona-se e vive para atender aos caprichos da rosa. Saint-Exupéry entende que "não basta o homem, responsável pela mulher que ama fazer os sacrifícios para torná-la feliz, é preciso que o sacrifício pare onde a dignidade do homem arrisca se arranhar. " (ZELLER, 2006, p. 65). Ou seja, é necessário que o homem exalte sua rosa para que ela também o ajude.

Horror das correntes de ar... Isso não é bom para uma planta", pensara o pequeno príncipe. "É bem complicada essa flor..."

- À noite me colocarás sob uma redoma de vidro. Faz muito frio no teu planeta. Não é nada confortável. De onde eu venho....
De repente, calou-se. Viera em forma de semente. Não pudera conhecer nada dos outros mundos. Encabulada por ter sido surpreendida em uma mentira tão tola, tossiu duas ou três vezes e para fazê-lo sentir-se culpado, pediu:
- E o para-vento?
- Ia buscá-lo. Mas tu me falavas...
Então ela forçou a tosse para causar-lhe remorso. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.43-44)

Para a flor de Antoine, encontra-se em *Dicionário dos Símbolos* a seguinte definição: “A flor, nessa disciplina, é um símbolo da obra (do sol). De acordo com a cor modificam sua significação e matizam-na em sentido determinado. O carácter solar reforça-se....” “...o sangue e a paixão nas flores vermelhas”. (CIRLOT, 2005, p. 256).

4.4 OS VULCÕES

Aos seis anos, foi desencorajado a largar a carreira promissora de pintor, por causa de suas duas tentativas fracassadas de desenhar uma jiboia, aberta ou fechada, digerindo um elefante. Dizia que os adultos não compreendem nada sozinhos, precisam de explicações detalhadas e isso é muito cansativo para uma criança. Tendo que escolher outras profissões, aprendeu a pilotar aviões. Sendo assim, tendo convívio com pessoas grandes, sua opinião continua a mesma. As pessoas grandes são muito estranhas e nada inteligentes. Ao tempo em que conta que caiu no deserto do Saara após uma pane em um avião, aparece-lhe a imagem do Pequeno Príncipe pedindo-lhe que desenhe um carneiro.

Sabe-se que entre os 7 e os 11 anos, Antoine era um garoto sonhador e que uma de suas paixões era desenhar e escrever e ele tinha um confidente: seu irmão Françóis. Antoine foi desencorajado a largar a carreira de pintor. Sendo assim, após todas as leituras feitas, pode-se concluir, que o Pequeno Príncipe é um menino que mora dentro de Exupéry. Ele traz ao longo da história, vários momentos em que há desenhos do narrador, onde o mesmo ressalta toda vez, que não sabe desenhar nada além de jiboias abertas e fechadas.

Eis o melhor retrato que, passado algum tempo, consegui fazer dele. Meu desenho é, com certeza, muito menos sedutor que o modelo. Não tenho culpa. Fora desencorajado, aos seis anos, pelas pessoas grandes da minha carreira de pintor. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.12) (figura 11)

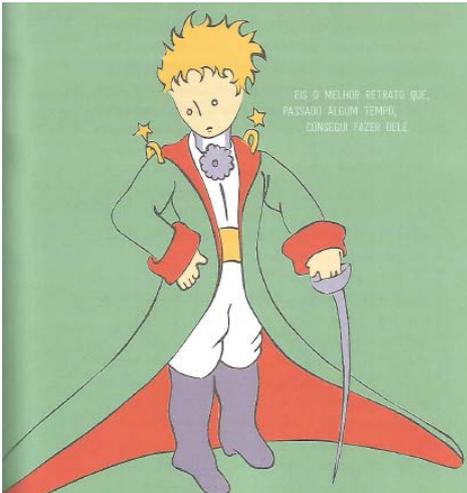


Figura 11 – O Pequeno Príncipe desenhado pelo narrador da história.
Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 13)

Nota-se no narrador, grande frustração por não ter sido encorajado na sua infância a continuar com os desenhos, por causa das pessoas grandes, que não entendiam o que ele desenhava e preferiam que ele tentasse geografia, gramática, matemática etc. Além disso, há frustração também por ter começado a história daquela forma, percebe-se o sentimento de tristeza quando ele diz:

Gostaria de ter começado assim: era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco mais que ele, e que precisava de um amigo.... Para aqueles que compreendem a vida, isso pareceria, sem dúvida, muito mais verdadeiro. [...]. Dá-me tanta tristeza narrar estas lembranças! ” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 27)

Antoine relata muito a sua infância que diz ter sido frustrada, onde desde muito cedo era preciso fazer e entender as pessoas grandes. Em determinado momento da obra, o narrador apresenta-se frustrado mais uma vez, por não ser igual ao Pequeno Príncipe, ao não ter uma alma de criança em um corpo de adulto, assim como ele tem.

Meu amigo nunca me dava explicações. Julgava-me talvez semelhante a ele. Mas, infelizmente, não sei ver carneiros através de caixas. Talvez eu seja um pouco como as pessoas grandes. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 27)

Vircondelet, ressalta essa questão de relatar a infância e o que Antoine vivencia. Sendo assim, nesse sentido nota-se que há a presença de um signo, visto as categorias que trabalham com a operação que a mente processa através do pensamento, forma o signo. Esse signo é o Pequeno Príncipe, reflexo da infância de Antoine, pois as características que o influenciam e os elementos que cria para essa adaptação, mantem-se fidedigna a original.

Antoine só precisa trazer de volta as lembranças que saem a superfície de sua memória para redistribuí-las no seu conto. Ele nunca inventou histórias, não era um romancista, porém ele retoma incansavelmente o fio da meada, tecelão que lança e relança sua lançadeira para prosseguir com a trama interrompida pelo exílio, pelo abandono, pelos amores interrompidos, pela morte, por todos os obstáculos da vida. (VIRCONDELET, 2008, p. 66)

Quando o príncipezinho está visitando os planetas, planetas esses que apresentam, “desejo de poder, vaidade, vício, materialismo, obediência cega, burocracia. Presos em seus mundinhos, não conseguem sair do ciclo repetitivo, cativos em sua auto adoração.” (DRYZUN *in* SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.70). Em determinado momento ele chega ao planeta do geógrafo. Após algumas perguntas, o mesmo pede para que descreva o seu planeta. Então, o príncipezinho começa a descrever:

Onde eu moro – disse o pequeno príncipe – não é interessante: é muito pequeno. *Eu tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto.* Mas a gente nunca sabe... (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 69, grifo nosso) (figura 12)



Figura 12 - O Pequeno Príncipe em seu asteroide b612. Está limpando um de seus vulcões.
Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 47)

O príncipezinho então começou a falar de sua rosa, de como ela era vaidosa, e dos problemas que tinha com ela: “Não se deve nunca escutar as flores. Basta admirá-las...” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.44). Mas o geógrafo não se interessou por ela, falou que os livros de geografia são exatos e que o que lhe interessa são as montanhas e não as flores.

- Mas os vulcões extintos podem voltar à atividade – interrompeu o pequeno príncipe. [...]

- Que os vulcões estejam extintos ou não, isso dá no mesmo para nós – disse o geógrafo. – O que nos interessa é a montanha. Ela não muda. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 70)

Ele então resolveu partir de seu planeta. Momento em que entra em contraste com o exílio de Saint-Exupéry. O signo aqui representado por Antoine, é o signo da secundidade, que é como se tudo que tivesse na memória ou seja as experiências voltassem à tona nesse momento, mas tudo que está ligado aquilo na sua experiência.

Creio que ele se aproveitou de uma migração de pássaros selvagens para fugir. Na manhã da viagem, pôs o planeta em ordem. Revolveu cuidadosamente seus vulcões em atividade. [...]. Possuía também um vulcão extinto. Mas como ele dizia: “Nunca se sabe!”, revolveu também o extinto. Se são bem revolvidos, os vulcões queimam lentamente, constantemente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fagulhas de lareira. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 45)

No seu sentimento de frustração, de amor por sua rosa, de tristeza, abandono e até mesmo perda de fé, os vulcões trazem os pensamentos de Saint-Exupéry. A trama da obra gira totalmente em torno dos sentimentos que a guerra causou em Antoine. Inicia-se aqui então, a análise dos vulcões do Pequeno Príncipe. Ele possuía três vulcões em seu planeta, os quais limpava todas as manhãs, até mesmo o extinto, como ele mesmo diz: “Nunca se sabe!”. Após a leitura do livro *A Vida Secreta de Antoine de Saint-Exupéry* (2006), Zeller traz relatos da perturbação em que se encontrava Antoine no período de guerra. Sendo assim, considera-se que cada vulcão representa algum sentimento ou emoção do autor. Dos dois vulcões que estão em atividades, um deles se referenciaria ao amor essencial, o amor em si, o amor que move os mundos, caridade; e o outro a transformação, a atitude pela atitude, o fazer pelo próximo. O terceiro vulcão, sendo o extinto, seria, portanto, a fé.

Os vulcões do Pequeno Príncipe se encaixam na segunda tricotomia, como um signo icônico. O signo icônico aqui representado, se refere apenas a uma virtude dos seus caracteres próprios, e ao objeto que tem alguma semelhança entre si. Esse signo traz à tona tudo aquilo que guarda-se no interior como sentimentos, por exemplo, Antoine utiliza dos vulcões para poder representar dor, sofrimento, amor, fé, mas deixando claro que esse sentimento ligado a esses vulcões são apenas um exemplo de experiência que ele teve, um único indivíduo internalizou em sua mente sendo um ícone individual. Segundo o *Dicionário dos Símbolos* o vulcão

Psicologicamente é um símbolo das paixões – que, segundo Beaudoin, são a única fonte de nossa energia espiritual, se podemos transformá-las e domá-las -. [...]. Um sentido importante dimana (brota) também da característica especial do vulcão: a uma frase de trabalho latente, contido e oculto sucede uma brusca e terrível erupção. (CIRLOT, 2005, p.606)

Durante toda a obra se tem essa relação emocional com o período de guerra que sofria a França e o sentimento de Antoine quanto a isso. Até mesmo nos planetas, como mencionado anteriormente, percebe-se como os sentimentos dos habitantes dos planetas que o Pequeno Príncipe visitava estavam presentes em Antoine e no caos da guerra.

Nos planetas, homens foram transformados em ilhas pela própria loucura, disfarçadas de razão. Neles predominam sentimentos ruins: a vaidade, a franqueza, a falta de imaginação, a ganância etc. E neles extinguiram-se a variedade e a espontaneidade das reações humanas. Estão condicionados a repetir para sempre um comportamento único, condenados à solidão infinita. (LACERDA *in* SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 135 – 136)

Ou seja, estavam tão cegos no caos da guerra, que não conseguiam mais ver o que era realmente importante. Como diz a raposa “O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 90). Era isso que o Pequeno Príncipe via, era isso que Antoine via. O amor ao próximo, a caridade, o sacrifício pelo outro, a fé.

Toma-se nota do primeiro vulcão, esse em atividade, sendo o amor essencial. Nota-se o amor na obra e em sua vida pessoal. Quando que, com ternura, trata de sua rosa, que mesmo sendo vaidosa e orgulhosa, se preocupava e cuidava dela. Quando em sua vida pessoal, tinha vários amores, seja por mulheres, seja por familiares. Como consta na obra de Zeller, é com certeza o mais poderoso vulcão do Pequeno Príncipe, por se tratar do amor.

O amor presente no primeiro vulcão, relata o amor que Antoine tinha com seus companheiros de guerra. (figura 13) O período da guerra, traz à tona o direito de sacrificar o indivíduo a serviço da coletividade, Antoine e seus colegas e se sacrificavam pelo coletivo, pelo povo e por eles mesmos. Saint-Exupéry, em seus voos defende e protege seus amigos e colegas de aviação, assim como seus colegas o defendem. Essa proteção, esse seu amor por seus colegas exprime admiração. Zeller diz:

A amizade entre esses aviadores que arriscam a vida todos os dias tem alguma coisa de único. Uma quantidade de amor onde o respeito da grandeza recíproca se adorna de uma discrição a respeito de tudo que eles adivinham uns antes dos outros. (ZELLER, 2006, p. 76)



Figura 13 - Antoine e seus companheiros tuaregues em 1927, no Saara
 Fonte: Dryzun (2016, p. 129)

É algo que somente eles podem explicar, os “homens do ar”. A esperança que eles têm, as alegrias, o amor austero entre os amigos, os aviadores, como dizia Exupéry, raramente se encontram, mas quando se unem, tornam-se um só coração. O amor que ele tem pelos seus companheiros de profissão se estende naturalmente. O mesmo que acontece com o príncipezinho, essa necessidade que ele tem de querer fazer amigos, encontrar pessoas interessantes, com quem pudesse conversar sobre sua rosa e seus vulcões. No trecho da conversa com a raposa, em que ela pede para ser cativada e o príncipezinho responde que “não tem muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer”. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 87). Em um trecho do livro *Piloto de Guerra*, Antoine diz que

Eu perdi Guillaument morto em um voo, escreveu – o melhor amigo que já tive – e evito falar dele. Nós pilotamos nas mesmas linhas, participamos das mesmas criações. Nós éramos da mesma substância... Eu sou Guillaumet. [...] Eu sou do meu país. (ZELLER, 2006, p. 77)

Percebe-se nesse trecho o real amor de Antoine por seu amigo, que foi morto em um voo, pelo tom de saudade e principalmente na parte em que diz “éramos da mesma substância” (ZELLER, 2006, p. 77). O amor pelo seu país, a França. Quando ele faz referência aos baobás, ele compara com o período da guerra, que devido a isso, o país está “rachado” como o asteroide cheio de Baobás. Exupéry está de mãos atadas e foi dispensado pela aeronáutica. Não suportando ver a situação do seu país, seus amigos e familiares propõem que ele peça exílio em Nova York. Mesmo contra vontade, ele decide ir. Lacerda diz que além do forte sentimento de culpa, Exupéry era alvo de “ataques públicos contra ele, vindos de conterrâneos insensíveis a formas não militares de fidelidade à pátria sequestrada.” (LACERDA *in* SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 123)

De fato, no planeta do Pequeno Príncipe havia, como em todos os outros planetas, ervas boas e más. [...]. Quando não se descobre que aquela plantinha é um baobá, nunca mais a gente consegue se livrar dela, pois suas raízes penetram o planeta todo, atravancando-o. E, se o planeta for pequeno e os baobás, numerosos, o planeta acaba rachando. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 30) (figura 14)



Figura 14 - O asteroide B 612 tomado de baobás
 Fonte: Saint-Exupéry (2016, p. 32)

Tanto para o Pequeno Príncipe quanto para Antoine, a situação dos baobás e da guerra, eram consideradas sementes más, que não deveriam brotar. Ao contrário do príncipezinho, Antoine não tinha o que fazer para que a guerra “não brotasse” na sua amada França. Depois de imposta, devasta o país inteiro e toda a sua população, que fica marcada pelo resto de suas vidas e gerações.

Foi para advertir meus amigos de um perigo que há tanto tempo os ameaçava, como a mim, e do qual nunca suspeitamos, que tanto caprichei naquele desenho. A mensagem que eu transmitia era de grande importância. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 33)

Outro exemplo que se tem na obra do seu amor e da sua saudade por seu país é o trecho onde ele está com o Rei em um dos planetas e fala:

- Eu imagino sempre estar em casa!
 De fato. Quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, está se pondo na França. Bastaria poder ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol. Infelizmente, a França é longe demais. (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.34)

Conhecendo Antoine de Saint-Exupéry, sabe-se que não é só esse amor, pelos amigos, pelo seu país, pelos companheiros que estava disposto a dar a vida, que ele possuía nesse “vulcão”. Era também o amor do ser humano pelo mais pobre. René traz em seu livro que por várias vezes Antoine foi visto conversando por horas com os árabes, tomando providências, empregando diplomacia difícil e maravilhosa, somente para resgatar o seu amigo Bark, um humilde condutor de rebanhos, que era escravo dos mouros (figura 15). O amor que ele tinha ao ver uma criança descoberta num trem, entre seus pais e os destroços, e se lamentar com essa visão. A compaixão e a caridade. Em meio a toda essa guerra e todo esse amor que ele tem, o mesmo revela que “chega o momento como agora, em que não compreendo mais o meu país”. (ZELLER, 2006, p. 81). E Antoine, comenta mais sobre o amor.

Eu fundei meu amor pelos meus por esse dom do sangue como a mãe funda o seu dom do leite. Esse é o mistério. É preciso começar pelo sacrifício para fundar o amor. O amor, em seguida, pode solicitar outros sacrifícios, e os empregar em todas as vitórias. O homem deve fazer os primeiros passos. (SAINT-EXUPÉRY *apud* ZELLER, 2006, p. 83)



Figura 15 - Antoine voltando de um resgate de pilotos no Saara
Fonte: Dryzun (2016, p. 128)

O amor, é o segredo da união dos homens, é um dom puro, “quanto mais você dá, mais você recebe” (SAINT-EXUPÉRY *apud* ZELLER, 2006, p. 51) O amor está acima da vida. A partir daí, tem-se o segundo vulcão do Pequeno Príncipe, a transformação, a atitude pela atitude. A sombra que ele carrega consigo de sua infância, do garoto que ele foi, a esperança da guerra. Como ele mesmo diz “Vemos tão bem aquilo que gostaríamos de ver.” Ou seja, ele mesmo quem cria as razões ou pretextos de sua esperança. Em sua obra *Cidadela*, Antoine comenta que “somente

conta a tentativa, é ela que dura e não o objeto... O que importa é seguir em frente e não já ter chegado”.

Zeller (2006) explica que quando os homens são atraídos espontaneamente para oferecer a vida por uma causa a qual não haviam refletido antes, eles obedecem a um sentimento de realização universal. Faz referência novamente a guerra, a transformação da França. Na obra, o momento em que o narrador e o príncipezinho encontram um poço de água e o Pequeno Príncipe disse “Tenho sede dessa água. Dá-me de beber...” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 98), o narrador entendeu então o que o príncipezinho queria. Ele dizia que a água era boa para o coração. Naquele momento ele devolve ao homem sua dimensão humana.

Analisando esses dois vulcões, agora pode-se entender a frase da raposa, que “[...] Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. ” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 90). Onde realmente o que importa, o que ambos acabam entendendo mais tarde, é que só o amor, a transformação, a esperança, que são invisíveis aos olhos, são realmente importantes. Com isso se tem a compaixão, se vive melhor consigo mesmo e com os outros.

- A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu quiser amigo, cativa-me! ” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 87)

Com o amor e a esperança é que se cativa aos outros. O estado de urgência da guerra tomou conta dele, cada dia que passa, ele se vê mais mergulhado na infelicidade de não poder servir ao seu país. Ninguém compreende seu sentimento, sua filosofia. Os momentos de angústia que ele sente, se alternam com os momentos de felicidade onde se esquece de tudo, mas logo volta a pensar na guerra e nos sofrimentos. Na fé que ele perdeu, por que se Deus é tão bom, porque há guerra?

Exupéry precisa mergulhar no universo sereno do Pequeno Príncipe para não se perder totalmente, pois os sonhos idealistas se desmantelam ao contato cruel da realidade. (VIRCONDELET, 2008, p. 100)

Entra aqui então, o terceiro vulcão do Pequeno Príncipe, o vulcão que está extinto, mas que “nunca se sabe”, o vulcão adormecido: a fé. Logo no início do capítulo do livro de Zeller (2006), ele traz um trecho de uma carta de 1943, de Antoine para um determinado general, onde diz que “se eu tivesse fé, só suportaria Solesmes”.

(SAINT-EXUPÉRY *apud* ZELLER, 2006, p. 97). Ou seja, se ainda houvesse alguma fé em Antoine, ele iria para um mosteiro e não para a guerra. Todo o caos que espalhou pelo seu país fez com que ele desacreditasse em Deus e perdesse a fé. Mas como o Pequeno Príncipe fazia, limpava o vulcão extinto também, pois

O vulcão não estava completamente extinto. Ele o limpava com ardor. Existia, portanto, alguma coisa a limpar, cinzas que voltavam a se formar, pois o fogo ainda se propagava em algum lugar, nas profundezas de sua alma. (ZELLER, 2006, p. 100)

Talvez por todos os acidentes que sofrera em suas viagens a fé e a crença em Deus ainda permaneçam no fundo de sua alma. Tantos foram os acidentes que ele deveria ter morrido, mas mesmo assim voltava aos braços de sua rosa e seus companheiros de profissão.

Exupéry, percebeu que havia uma certa resistência à guerra. Não só a que faz as nações se destruírem, mas a uma guerra espiritual, que desmoralizava mais do que tudo. Tudo isso acontece, na época em que sua vida consistia em voar, lutar e salvar os homens. A escrita do *O Pequeno Príncipe* lhe surgiu em boa hora, apesar da tormenta pela qual passava, escrever lhe concedeu uma pausa para o grande movimento nocivo do mundo, um momento rumo à eternidade, um momento em que talvez ali ele recuperasse a fé. Como descreve Vircondelet (2010), “de um lado, ele escreve *O Pequeno Príncipe*, herói luminoso e amável, e do outro, ele se vê mergulhado nos piores pesadelos” (p. 88)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização desses símbolos analisados na obra, traz um papel importante na vida imaginária da criança/adolescente. Revela segredos, mostra lições construtivas que ajudam no aprendizado e ensina algumas atribuições éticas. Muitas vezes o homem utiliza alguns símbolos, para tentar transmitir o que quer falar ou o que deseja, geralmente quando é muito difícil de transmitir em palavras. Como a obra *O Pequeno Príncipe* nos faz refletir sobre os sentimentos de amor, amizade e simplicidade, pode-se dizer que Saint-Exupéry utilizou esse meio para que fosse de mais fácil entendimento, tanto para adultos quanto para crianças. Essas imagens então, traduzem o que o autor quer expressar. A escolha do autor pelos símbolos Pequeno Príncipe, rosa e vulcões faz com que se tenha essa visão ambígua, ou seja, sob o olhar de uma criança esses símbolos podem remeter a algo mais fácil e mais criativo. Para um adulto, torna-se mais atrativo, pois nas entrelinhas de símbolos assim se encontram algumas reflexões, onde o autor nos remete ao seu passado. Por esse motivo chega-se a conclusão que foi a partir de um conhecimento prévio dos acontecimentos e experiências de vida do autor que se consegue interpretar de outra forma essa literatura que perdura por muitos anos justamente por ter essa abrangência de interpretações, não está ligada e nem presa a um tempo ou modo de visão.

Os símbolos escolhidos por Antoine de Saint-Exupéry remetem a um significado, valor ou sentido, porém essa escolha para ele tem um sentido único, visto que os símbolos são uma forma de representação mental, relacionados então com o passado do autor. Além disso, Cirlot (2005) diz que “o simbolismo é uma ciência exata e não um livre devaneio no qual as fantasias individuais podem ter livre curso.” (CIRLOT, 2005, p. 01). Ou seja, o simbolismo na obra tem representatividade real, visto que os signos que ela apresenta e que foram analisados são signos icônicos e simbólicos, que tem ligação com o passado e presente do autor. No caso do Pequeno Príncipe encontra-se aquele sentimento de criança reprimida, com um sonho que nunca foi alcançado, mas que por isso não deixou de lutar pelo mesmo e como Antoine em sua vida de aviador, conhecia vários lugares e países, o Pequeno Príncipe também parte para aventuras pelos planetas, além de conhecer outras pessoas que através desse nos ensina várias lições.

Esta obra mostra uma profunda mudança de valores, e sugere ao leitor o quão equivocados podem ser seus julgamentos, e como eles podem levar à solidão. Neste sentido, percebe-se a escolha do autor por representar sua amada Consuelo em uma Rosa, pois logo a abandona sozinha por não conseguir mais conviver com ela, pois tinha muitas manias e era orgulhosa, e parte para conhecer o mundo e conhece a raposa que lhe dá uma lição de vida dizendo que é o tempo que se passa com as pessoas que lhes tornam especiais e únicas, que sua rosa tinha seus defeitos porém ela era única, mas não tinha mais o que fazer pois havia deixado para trás um bem precioso, assim como Antoine fez com Consuelo. O livro leva a reflexão sobre a maneira que como se torna adulto, entregues às preocupações diárias, e esquecidos da criança que se foi e é. "Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós". (SAINT-EXUPÉRY).

Em outro momento percebe-se a presença de seu sentimento demonstrado através dos vulcões, visto que um dos vulcões que representa o amor próprio, amor puro e o amor essencial, a caridade, considerando o tempo tumultuado que se encontrava devido as guerras que abalavam muito o emocional de Antoine. Já o segundo vulcão relata o sentimento de transformação, aquela atitude de mudar e fazer pelo próximo. E, portanto, o terceiro vulcão é aquele que estava extinto, mas que como o Pequeno Príncipe mesmo dizia que não se sabe o dia de amanhã e por isso sempre o limpava, demonstrando o sentimento de fé.

Ao final da obra percebe-se que a passagem do o Pequeno Príncipe pelos países, rendeu-lhe não somente a significação de cada objeto, ou seja, a clareza de que as escolhas simbólicas, a rosa e o Pequeno Príncipe tiveram sim influências da vida do autor, como também várias lições de vida, pois ao abandonar sua "Rosa", o Pequeno Príncipe sentiu que abandonou as pessoas que ama para coisas simples da vida. Sendo assim, ao longo da obra, percebe-se os valores presentes no discurso de cada personagem referentes as questões cotidianas que não se limitam a apenas aquele tempo em que foram escritas, mas que acompanha o percurso da história dos diferentes grupos sociais. Desta forma, os resultados foram muito satisfatórios, pois os símbolos que estão presentes na obra, são as imagens e personagens escolhidos pelo autor, que representam suas experiências de vida, sendo que cada qual tem seu significado.

REFERÊNCIAS

CINTRA, Karina do Carmo; FARCHE, Mayara Lúcio. **A Constituição do Discurso em O Pequeno Príncipe**. São Paulo, Centro Universitário Municipal de Franca - UNIFACEF, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/article/view/419>>

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

COSTA, Valmir. **Representações sociais e semiótica: um território comum?** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/viewFile/67286/69896>

DRYZUN, Sheila. **Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe: a história de uma história**. 1. ed. São Paulo: Pedran'água, 2009.

_____. **A história da história**. In O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2016.

HINTERLANG, Cristina. **Contribuições da literatura de Monteiro Lobato: um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do ensino fundamental, anos iniciais, da região sudoeste do Paraná**. Cascavel – Paraná, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2012. Disponível em http://tede.unioeste.br/tede//tde_arquivos/4/TDE-2012-07-10T152216Z-761/Publico/cristina.pdf

LACERDA, Rodrigo. **Posfácio: a energia renovadora do exílio**. In O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry. Tradução de André Telles e Rodrigo Lacerda. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LIMA, Aline de Magalhães; SILVA, Antônia Monique dos Santos. REINER, Nery. **O Pequeno Príncipe: A importância dos símbolos**. São Paulo, Universidade de Santo Amaro – UNISA, 2010. Disponível em <<http://www.unisa.br/graduacao/humanas/letra/alunos/o-pequeno-principe.pdf>>

LOZARDO, Elielson Pinheiro. **Leitura comparativa entre os textos literário e cinematográfico o pequeno príncipe**. ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: http://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/15_ELIELSON_LOZARDO.pdf

PAIÃO, Jéssica dos S.; MARQUES, Elizabete A. **Revisitando a segunda tricotomia de Peirce**: uma proposta de análise. Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/23450>

REINER, Nery. **O Pequeno Príncipe**: a importância dos símbolos. São Paulo, Universidade de Santo Amaro – UNISA, 2010. Disponível em <<http://www.unisa.br/graduacao/humanas/letra/alunos/o-pequeno-principe.pdf>>

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2016.

_____. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de André Telles e Rodrigo Lacerda. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2012.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002

_____. NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. Editora Iluminuras. São Paulo, 1998. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/149531557/Imagem-cognicao-semiotica-midia-Lucia-Santaella>>

VIRCONDELET, Alain. **A verdadeira história do Pequeno Príncipe**. Tradução de Lilian Palhares. Osasco, SP: Novo Século Editora, 2008.

ZELLER, Renée. **A vida secreta de Antoine de Saint-Exupéry**: a parábola do Pequeno Príncipe. Tradução de Sílvio Antunha. São Paulo: Madras, 2006.